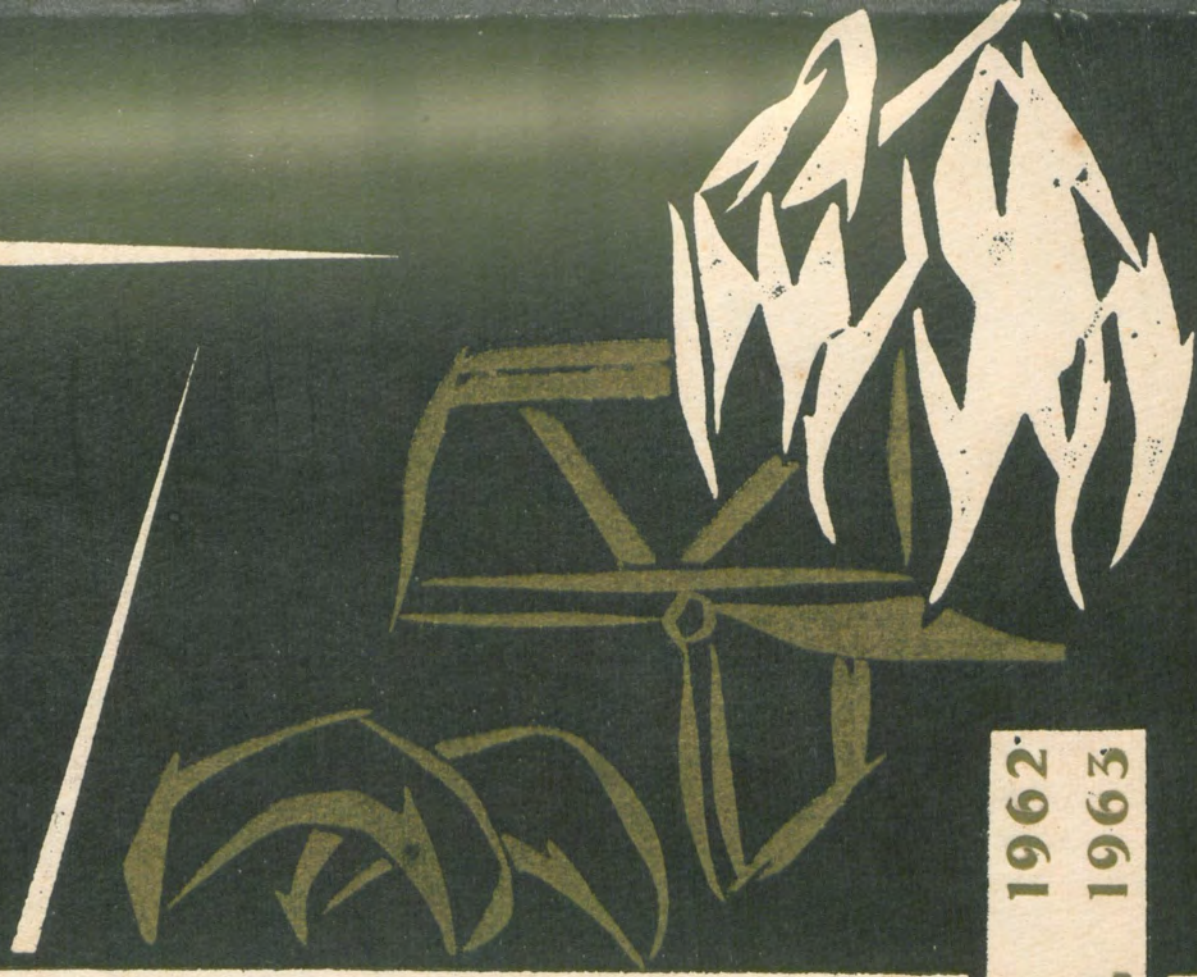


F / NALISTAS

F

NALISTAS



I.T.M.P.E.

1962

1963

FINALISTAS

DE

1962 . 1963

Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército

*M
A
R
C
H
A*

A mocidade
Que aos vossos olhos está presente
E' valorosa, confiante e sonhadora
Com dignidade
Dia a dia, eternamente
Mostrará ser sabedora
Dum dever que sempre tem
Honrar a *Pátria* querida
Com exemplos bem notáveis
De coragem e amor
Dando lições que alguém
Através da nossa vida
Mostrou serem perduráveis
E bem plenas de valor.

Vamos partir
Nesta hora de saudade
Fazendo ouvir
Toda a nossa lealdade.
Adeus Pilão
Nunca mais esqueceremos
A boa lição
Que aqui nós aprendemos
Teu grande valor
Está presente e faz-nos crer
No grande amor
Ao nosso *Querer é Poder*
Vamos deixar-te
Com os olhos lacrimejantes
Sempre a amar-te
Como o temos feito antes.

No nosso peito está o laço
Prova ditosa d'aplicação
Divícia farta em pano escasso
Que anda unida ao coração
O ser *Pupilo* é uma glória
E uma honra sem dimensões
A intenção é bem notória!
Querer singrar sem ilusões.

Letra de

António J. Madeira Torres
Aluno n.º 399

*D
O
S*

F I N A L I S T A S

ANTÓNIO TEIXEIRA

Aluno n.º 3

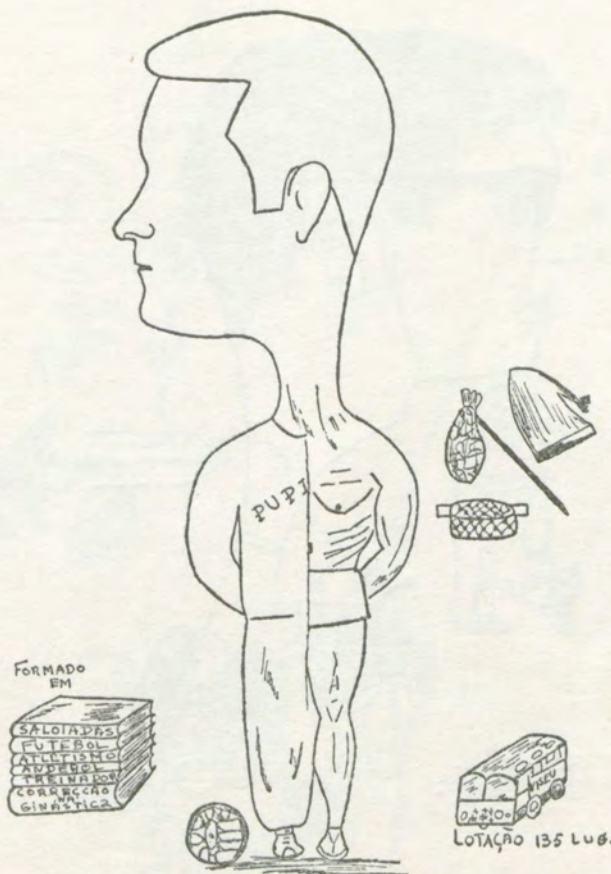
Eis o António Teixeira
O rei da discussão
Que há 7 anos deixou a Beira
Para dar entrada no «Pilão»

Para o 2.º ano entrou
E por causa da fala talvez
Por reprovar começou
Embora fosse a única vez

Diabólico e chapateco
Alcunhas que ele tem tido
Mas por batalha e matreco
E' que é mais conhecido

No final de cada dia
Das matrecadas o gzoavam;
Umas era ele que dizia
E outras que lhe inventavam

Distinguiu-se no andebol
Mas praticou tudo em geral
E' um veterano do futebol
E também da classe especial



Nesta se notabilizou
Mas uma arreliadora lesão
De ir à Bélgica o privou
De honrar outra vez o «Pilão»

Mesmo a coxear
Com muita dedicação
Acabou por treinar
A equipa de futebol de salão

Em Liège no Congresso
O seu coração se abalou
Com as alemãs fêz sucesso
E pela Maga se apaixonou

Para a vida vais ser largado
De arranjar carros te encarregarás
Com as motos tem cuidado
Não lhes vás dar marcha atrás!...

Só restam saudades
Na hora de partires
Muitas felicidades
Deseja-te o amigo Pires — 209

ADELINO RODRIGUES CARMONA

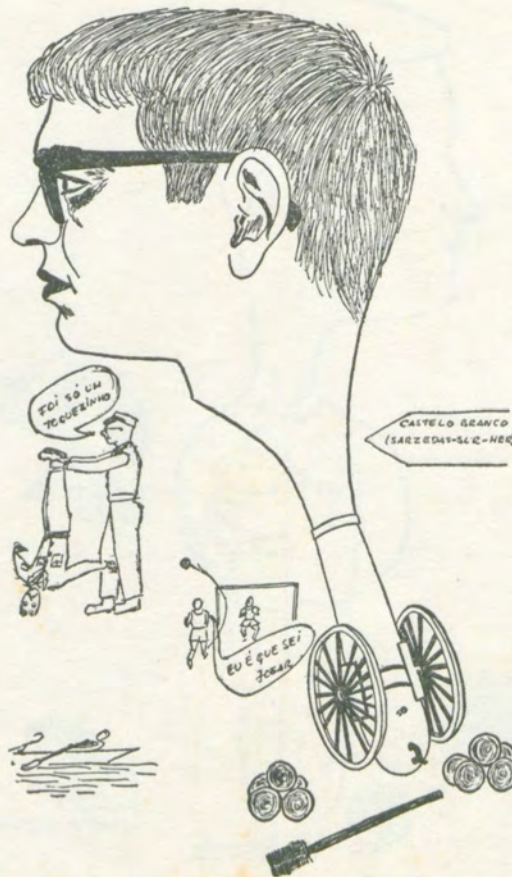
Aluno n.º 14

Este é mais um p'rá lista
Que não era nada *tanso*
Conseguiu ser finalista
A' custa do seu marranço.

Beira Baixa o viu nascer
E crescendo veio um dia
Para o *Pilão* aprender
A *arte* da Filosofia.

Trata todos com *carinho*
E exclama ao torcer um braço
«Péra aí é só um geitinho
Que outro mal eu não te faço»

De *Catonho* sua alcunha
E de pseudo Dr. Fortes
Vê lá não faças da unha
O causador de mais *mortes*



De início era acanhado
Nos desportos qu' ingenuidade
Agora *na pista* é notado
E no Remo tem vaidade.

O teu curso acabaste
Nesta casa que te ensinou
Não esqueças o que penaste
E... por aqui ficar-me vou.

Esta é a minha prece
Na triste hora da partida
Luta sempre com ardor
Através da tua vida
Não esqueças quem te não esquece
Abraça-te agora o

Pêcheur

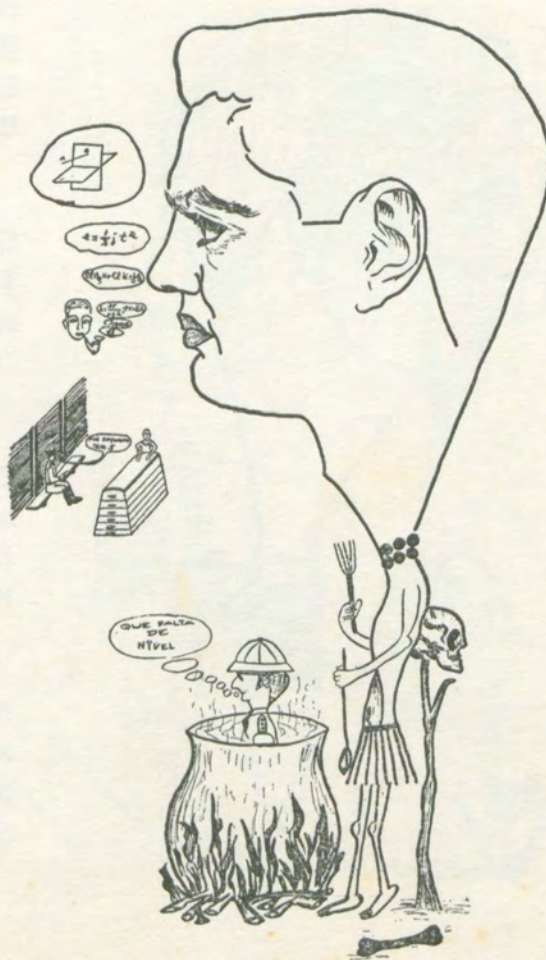
ANTÓNIO GREGÓRIO JOSÉ LUÍS

Aluno n.º 19

Este finalista lacerda
De que vos vou falar,
Veio de Bragança
Para no *Pilão* estudar.

Sempre tem sido refilão,
Mas é muito bom rapaz;
Não sofre do coração
E nos estudos é um «ás».

Na ginástica, sempre a medo
De partir uma perninha
Era ouvir de manhã cedo:
«Vá lá uma ajudazinha»;
A andar que desenvoltura,
A falar parece um besouro;
Mas nada disto o impediu
De ter uma medalha d'ouro.



Conta «Piadas Quentinhas»
E' sempre contra o «Picanço»
E «Evora» lhe ensinou
A nobre arte do «Topanço».

Desculpa se fui «topão»
Mas foi leve e passageiro
Continua a estudar e
Serás um bom... Engenheiro.

Felicidades na carreira
Modifica a tua maneira
São os votos do

Janeira

RUI MASCARENHAS XAVIER

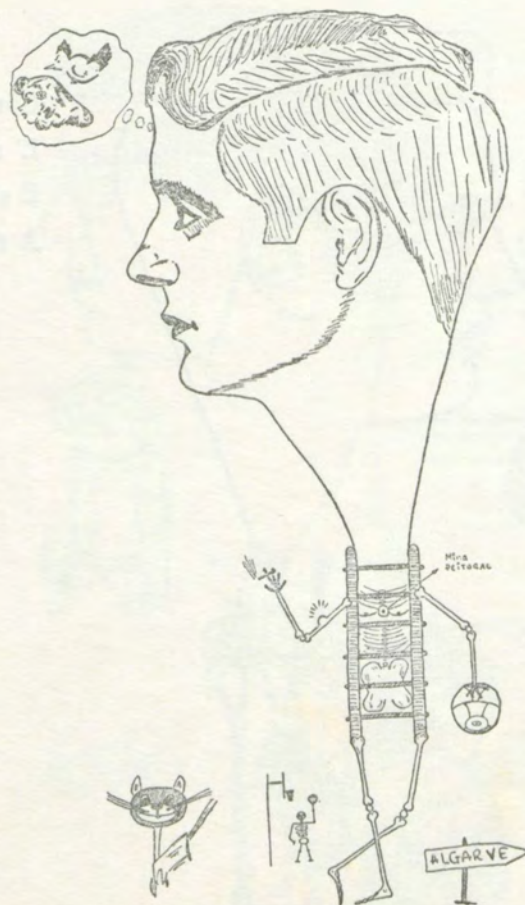
Aluno n.º 52

Do Algarve chegado
P'ró Pilão logo entrou
E foram só oito anos
O tempo que cá ficou.

Todo ele era elegância
E ser D. João sonhou
Falava com arrogância
Mas de papalvo não passou.

Por *Escadote* era alcunhado
E também por *Barbelitos*
Pela malta era tratado
Por *Arol*, o dos olhitos.

Também lhe chamam *Tíbias*
Só para o arrelhar
Pois as suas pernas esguias
Parecem tacos de bilhar.



Mister Faro foi eleito
Por absoluta maioria
Só pela covinha do peito
Ele bem o merecia.

Crónico Totobolista
Jâmais acertou
Na carteira tem a lista
Do dinheiro que já gastou

Com um simples assobio
Imita o Rouxinol
E o pássaro sem um pio
Pousa na mão do *Arol*

Adeus amigo *Escadote*
Arol ou como quizeres
Na vida desejo-te sorte
Saúde, amor e ...

« *Catota* »

JÚLIO CABRITA SIMÃO

Aluno n.º 57

Este rapaz que aqui vêm
Dispensa apresentação
Pois todos já o conhecem
Desde «Malpica» ao «Pilão».

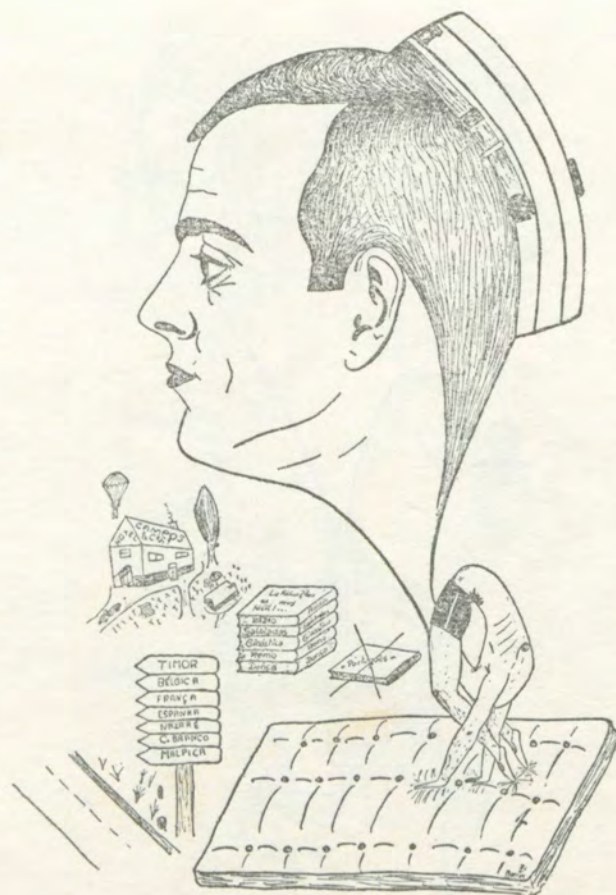
Já tem cabelos brancos
E os olhos encovados
Pois os anos já são tantos
Quem nem os leva contados.

Dez anos vestiu a farda
Desta casa que muito honrou
Fez parte da «velha guarda»
E na «Especial» brilhou.

Em Português que horror,
Só três anos «chumbou»
Mas agora, por favor,
Ensina quem ensinou.

O hotel pilónico frequentou
Por querer governar a «Tabaqueira»
Assim o cabelo voou
Com um toque mágico do sr. Ferreira.

Um dia com inocência
Mas com certo ar maroto
Disse: «Desculpe Vossa Excelência
Mas... o cinzeiro está *roto*».



O professor que não percebeu
Deu-lhe tanta pancada
Que o «Malpica» se não morreu
Ficou com a espinha quebrada.

Há males que vêm por bem
Este foi um desta casta
Pois foi assim, já sabem
Que nasceu este ginasta.

Com o *Pafúncio* no ombro
A Europa percorreu
Quando voltou, que assombro
Sua *mascote* morreu.

Pela «Magué» se apaixonou
Desde sua tenra idade
Amor que continuou
Por toda a sua mocidade.

Estes versos p'ra ti fiz
São uma recordação
Tira os dedos do nariz
Faz adeus ao *Pilão*.

« *Catota* »

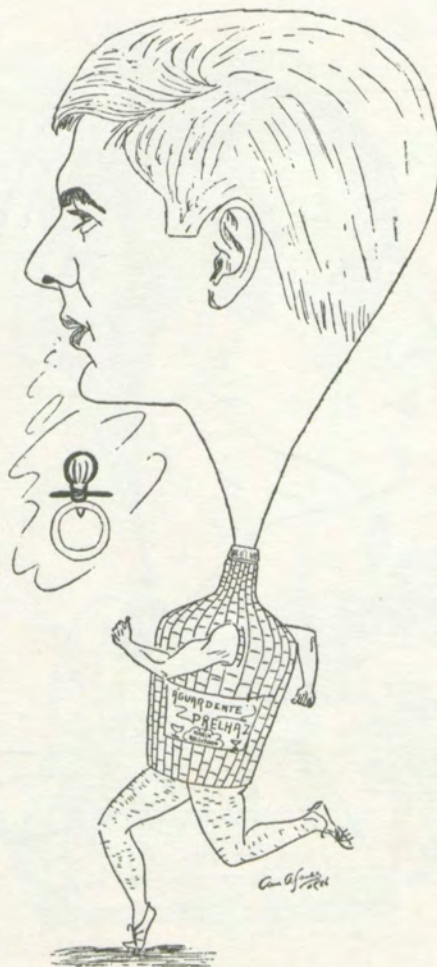
JOÃO MARIA AFONSO PRELHAZ

Aluno n.º 60

Eis aqui cambaleando
Caindo de vez em quando
O nosso amigo *Chucha*
Ou então o *Aguardente*
Formado em meter a *bucha*
Como sabe toda a gente.

Do Ladoeiro foi remetido
Com destino desconhecido
E de *pastinha* na mão
Quis a sorte que o guia
Que fosse à porta do *Pilão*
Que ele se encostaria.

Em sete anos de internato
Sempre praticou Corta-Mato
Modalidade em que brilhou
porém um dia p'ra variar
O hóquei jogar tentou
Mas foi posto a *cavar*



Amores se acaso os tem
Deles não sabe ninguém
Pois é segredo de estado
A não ser o que dedica
E esse é até exagerado
Ao seu clube o *Benfica*.

Apesar de enjoado
Ei-lo aqui perfilado
Fazendo adeus ao *Pilão*
Recordando com saudade
E com certa comoção
Sete anos de mocidade.

Custódio João da Silva Raimundo

Aluno n.º 72

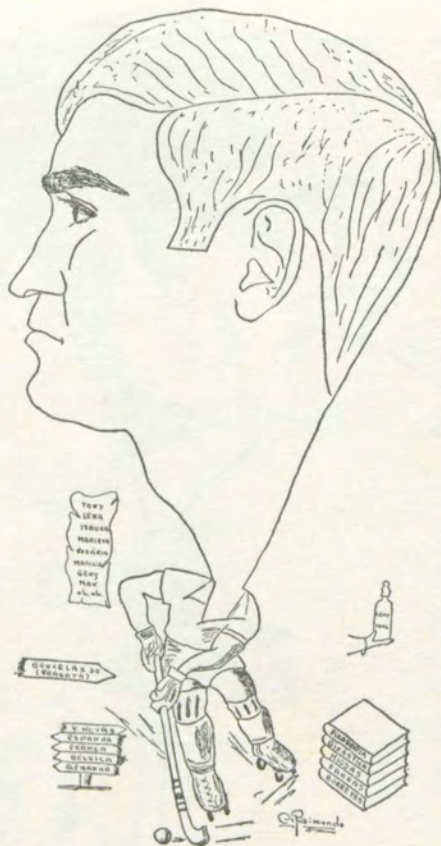
Entrou um dia no «Pilão»
De Vendas Novas chegado
Valeu-lhe o ser cabulão
Para nunca ter chumbado

Quando p'ra cá entrou
Trazia cartas de recomendação
Dizendo que na escola que
frequentou
Era um grande figurão.

Mas não correspondeu
Pois p'ra ele o estudo é dor
E então reconheceu
Que cabular era melhor

Bicho, pequeno insecto,
Come qualquer coisa de seu
Quando chegava bradava:
«Oh! garotas cá estou eu!».

Sempre bem comportado
Disso não podemos falar
Várias vezes castigado
Coitado! Tinha azar...



Hoquista de pouco saber
Mas ginasta valentão
A Europa percorreu
Com a «Especial» do *Pilão*.

Considera se engatatão
Esta cara de rabanete
E às vezes à «pressão»
Sai-se com o seu «barrete».

Mas ele nunca contava
Aquilo que lhe não convinha
No «Fragata» não entrava
Porque barba não tinha.

À *xanta* semanalmente
Uma carrinha o vai levar
Mas fica em Lisboa, tristemente
Se a sua «fã» não pode visitar.

Agora que vais d'abalada
Meu caro alentejano
Abraça-te o teu camarada
209 — O *Trasmontano*.

Joaquim Fernando de Moura Canteiro

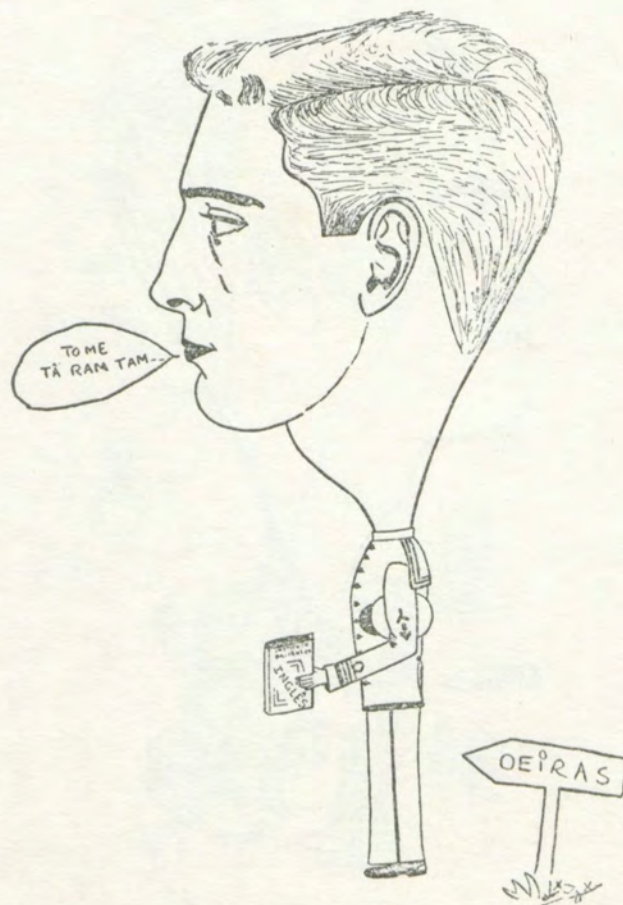
Aluno n.º 82

O «Fader» tremeliques
No Inglês tinha tiques
Oh! Judas apita aí !!!
Aquele arame «to me» !!!

Dez anos de vida amena
Aguardam o amanhã
Esquecer a tua Filomena
O «Fader Ta ram tã» !!!

Também és um bom rapaz
E gostas da brincadeira
Enjoaste. Não foste capaz
De aguentar a marinheira.

Os médicos te mandaram
A tirar radiografias
Anémico te chamaram
Lá pelas enfermarias.



Tu e o «Judas Macabeu»
Foram grandes cabulões
Mas o «record» ainda é teu
Em borbulhas e vulcões.

Com a tua unha torta
E o «Preto levantino»
Deixaram quase que morta
A alma do «Jacobino».

Eu estava só a reinar
Digo estas coisas sem nexo
Vê lá não vás acabar
Criando ainda um complexo.

JOSÉ LUÍS JUDAS

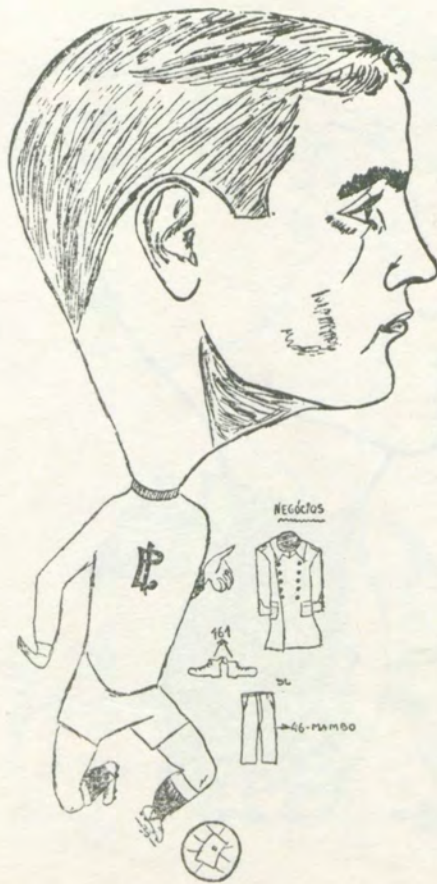
Aluno n.º 98

Já em novo era sebento
Botas, luvas calças alheias
Grandes batatas nas meias
Em negócios sempre atento.

Café, *éles* tudo enfim
Servia para trabalhar
P'ró *furo* queres ir parar
Sem te lembrares de mim

Um dia de madrugada
Pernas tortas e Borrego
Agarram um talêgo

Em E'vora
Disfarçar não conseguia
Bastou só uma semana
P'ra ser logo da *Casa Pia*.



No dia em que de ti me despedir,
Não me olhes como o fazes — bem de frente.
Procura antes no passado ausente
Verás contudo, que vais descobrir.

Não grandes lágrimas, meu rosto cobrir
Mas invisíveis rogos duma amizade ardente
Para que não te esqueças do espírito presente
Do íntimo amigo pronto a servir.

Não me vás criticar como é costme
Peço-te eu. Toma cuidado
Não é bom brincar com o lume.

E nas borbulhas? Coitado.
Selecto como tu és!
Não podes ser criticado!

Victor Manuel Parente dos Santos Costa

Aluno n.º 114

Marrão de primeira ordem,
Desprovido de pescoço,
Inimigo da desordem
Mas, enfim... era bom moço.

De *Mocho* foi alcunhado
Assim que deixou os pais,
Viegas, também chamado,
Por *queixadas* ter de mais.

Esquisito, cheio de etiquetas,
Em série, farras contava
Com *barretes* e com *petas*
Toda a conversa *pintava*.

Em tempos que já lá vão,
Andou mui apaixonado
Pela esbelta Conceição
Seu amor idolatrado.



Possuidor de uma pasta
que deu muito que falar
Muito velha e muito gasta
Jâmais a podia deixar.

Agora que vais partir
Deste saudoso *Pilão*,
Não te esqueças de fazer
As pazes com o *ti Girão*.

Vais deixar o *Pilão*:
Good bye meu velho amigo,
Sempre que precisares
Podes contar comigo!

António Gabriel Rodrigues de Sampaio

Aluno n.º 118

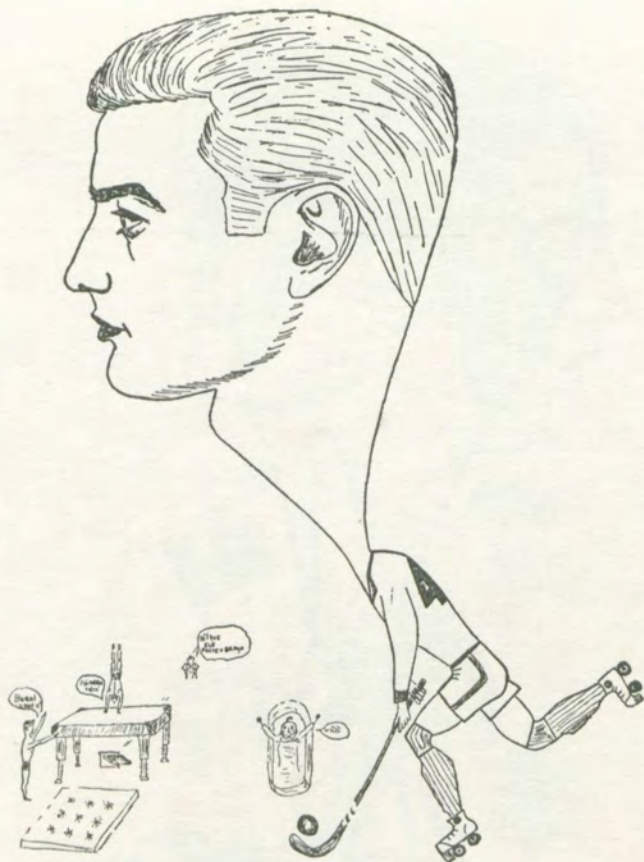
Um hoquista afamado
Do «Pilão» se vai embora
Por todos era tratado
Pela alcunha de *Chora*.

No hóquei foi campeão
Perante grande assistência,
Um titulo foi para o «Pilão».
Por falta de comparência.

Na ginástica não foi mal,
Pois esforços não poupou;
E com a «Especial»
Pela Europa passeou.

Muito pouco brincalhão,
Pois quer ser exemplar.
Mas foi p'rá separação
Por num tanque se banhar.

Sempre se mostrou calado,
Pois tinha muito que pensar.
Da C... apaixonado,
E com projectos p'ra casar.



Nada mais a criticar
Em sete anos de «Pilão».
A despedida vou começar,
Com um pouco de emoção.

Na hora da despedida,
Muito há em que pensar:
Na vida que está vivida
E na que está por começar.

Volta costas ao passado,
Pois muito há a trepar...
Teu curso está terminado,
Mas muito há a estudar.

Segue p'ró teu ideal
Com vontade e persistência,
Que quando fores «Oficial»
Já terás a recompensa.

Recebe de mim um abraço
De «Adeus», Sampaio amigo,
Nunca faças o que eu faço,
Mas faz o que aqui te digo.

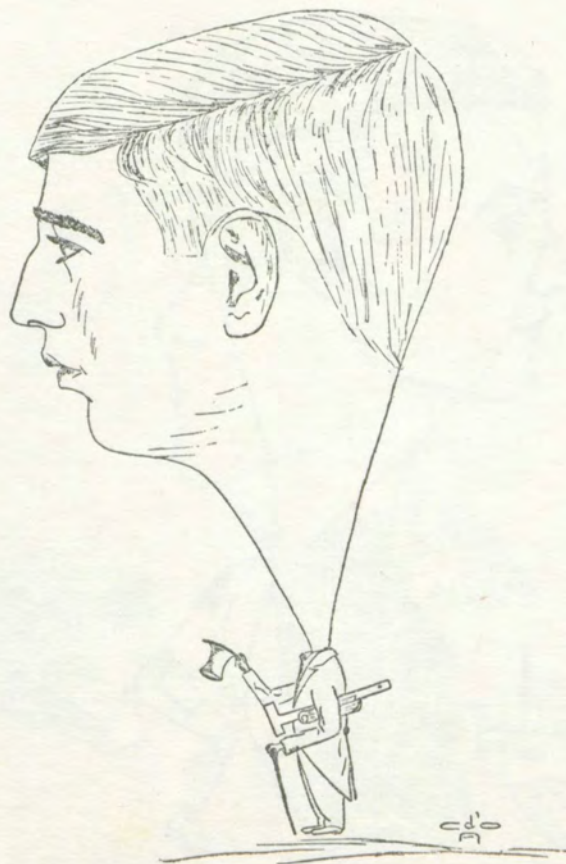
MANUEL DA CONCEIÇÃO JOAQUIM

Aluno n.º 134

Pequenino e refilão
E' agora apresentado
Neste livro de recordação
Que será perpetuado.

Engenheiro fora alcunhado
Quando entrou para o «Pilão»
Embora um pouco falhado
Exerceu a profissão.

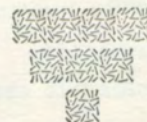
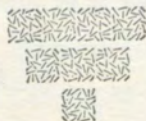
Manuel era o seu nome
Na Casa mui estimado
Era rapaz estudioso
E nunca foi castigado.



De Engenheiro de obras feitas
A Radiomontador passou
Este «Manel» solitário
Que o PILÃO educou.

Nas brincadeiras gostava
Da companhia de amigos
Na tristeza compartilhava
Com os claustros muito antigos.

Agora que vais partir
E deixar de ser farrista
Recebe um abraço amigo
Do teu colega Baptista.



MANUEL SILVA BARBOSA LOPES

Aluno n.º 136

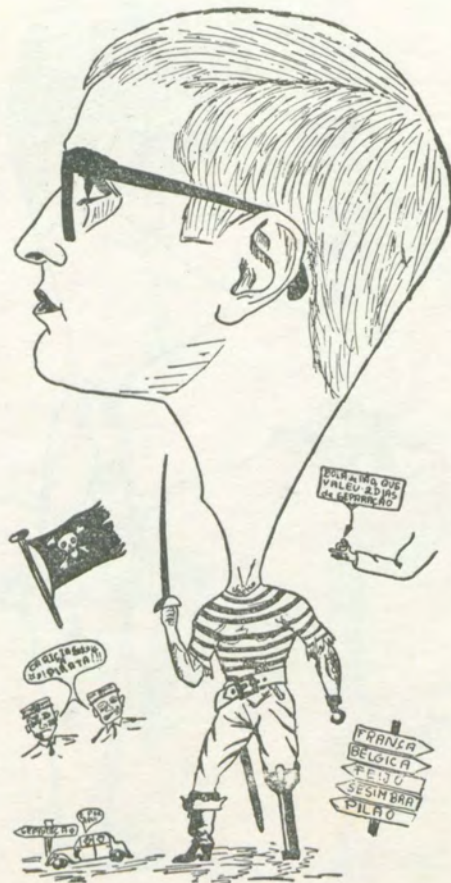
Pirata afamado,
Amigo de brincadeiras
Só quando estava zangado
Tinha as suas maroteiras.

Os miúdos protegia
De forma original:
Por amizade, batia,
Mandando-os p'ró hospital.

Em ginástica se formou
Com grande distinção
No estrangeiro representou
A «especial» do *Pilão*.

Sempre bem comportado
Só uma vez é que não,
O cabelo teve rapado
Por atirar bolas de pão.

Armou-se em motorista
Sem ordem do seu capitão,
Quiz ter fama de farrista
E foi parar à Separação.



Nos amores é reservado
Das raparigas amigo
Com a «Maira» tinha casado,
Se não lhe tivesse batido ! . . .

Em Vigo e arredores
Por «Manolo» é tratado
E segundo certos rumores
Por lá ficou apaixonado.

Com o seu ar de tolo
A Carmita seduziu
O seu título de «Manolo»
Para isso contribuiu.

Agora na despedida
Vou pôr água na fervura
Senão quando me apanhar
Não sou eu quem o atura.

Este poeta falhado,
Abraça-te na despedida,
Teu curso está terminado
Felicidades p'rá nova vida.

JORGE PEDRO DO COUTO

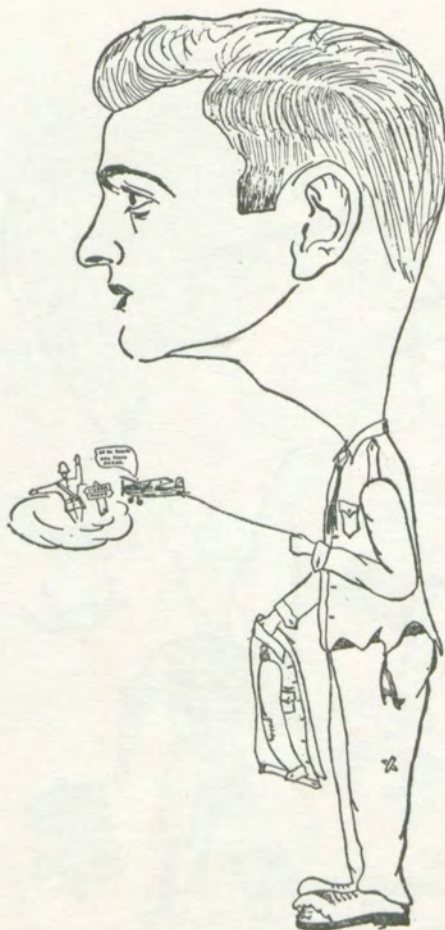
Aluno n.º 163

A cavalo num automóvel
Deu entrada no «Pilão»
Jorge Pedro do Couto
O rei da confusão.

Logo de pequenino
Começou a ser falado
Por azar do destino
Acordava sempre ...

Seu corpo feito às mocadas
Era em tudo pouco vulgar
Desde as orelhas alambazadas
No contra-peso acabar

Mas muito ele aprendeu
Nestes anos de «Pilão»
A' evidência se rendeu
Quando viu um avião.



E cumprindo o seu forte
Para no «Pilão» ficar
Voltou costas à morte
E o *brevet* foi tirar.

Lá para os lados donde mora
Uma pequena arranjou
Mas não passou do dia
Em que ela lhe telefonou.

Com as botas todas rotas
Era amigo da demora
Sempre andou mal ataviado
E com as fraldas de fora.

E agora para terminar
Esta história de um labrego
Abraça-te na despedida
O teu amigo *Galego*.

JOÃO LUÍS DA SILVA PACHECO

Aluno n.º 174

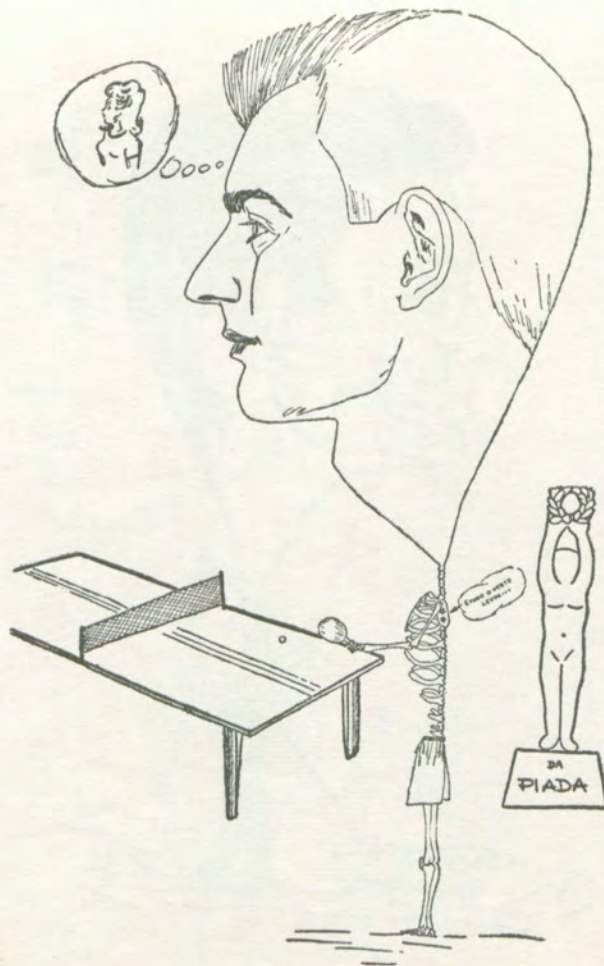
Este exemplar único
Foi daqueles que o curso tirou
Sofreu nove anos de internato
Onde em demasiado esticou.

Tem nervoso miudinho
E' o tenor cá do curso
E a propósito de Viana a Barroselas
Muitas vezes fez este percurso

Há uns cinco anos, no comércio
Tanta matemática empinou
Que tendo baixa na enfermaria
A maluquice lhe passou.

Altas horas na camarata
O Pacheco não sei porquê,
Senta-se sonâmbulo na cama
E grita : $XY = Z$.

Na casa criou raízes
Duas vezes chumbou, e foi com alegria
Que o Instituto
Em maioridade o cursou.



Campeão no «Ping-Pong»
Tem um andar apressado
E' o delegado dos desportos
Mesmo com um braço arqueado.

Pacheco, o popular pai da malta
Mereceu *Oscar* da piada
Gente tão espirituosa
Não se encontra, nem achada.

Comandante da primeira Companhia
Julgando-se haver revolta
Azares da vida
Ficou chefe permanente na escolta.

Felicidades na vida te deseje
O colega Janeira.

Salvador Francisco Albuquerque Vieira

Aluno n.º 180

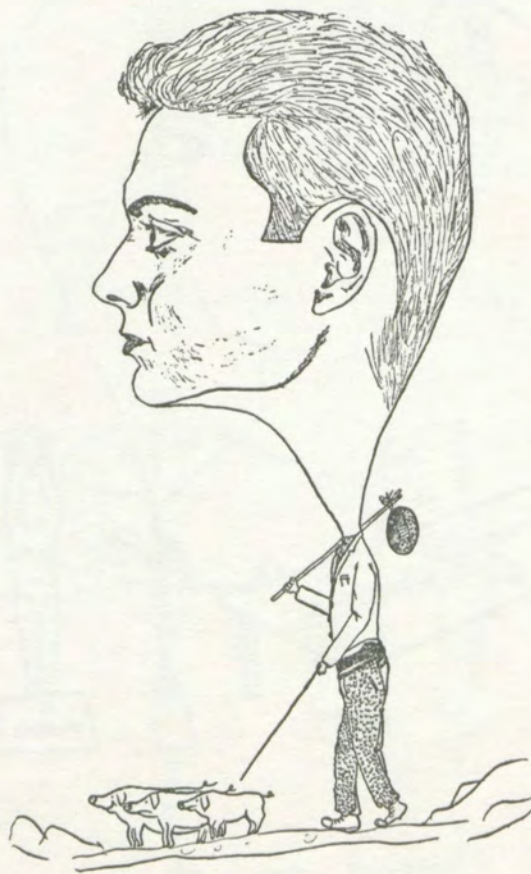
Montado num burro velho
Com cara muito alegre
Eis aqui o «Chechas»
Natural de Portalegre.

«Elos» não comprava
Porque tinha ao vício horror,
Preferia andar à crava
O nosso amigo Salvador.

Na ginástica que aflição
Tinha um físico de vampiro
No entanto foi um «ás»
Nos campeonatos de tiro.

Consagrado no «Basket»,
Futebol não praticou
Grande esperança do hóquei,
Mas em tudo ele nadou.

Com raparigas teve azar
Desde os tempos de escola
Uma vez apaixonado
Pela já célebre espanhola.



E' chegada a tua hora
Despede-te dos «Pilões»
Passam em desfile as farras
Inclusivé a dos colchões.

Já na hora da abalada
Mas que grande aflição
O «Chechas» teve azar
Foi parar à separação.

Agora que vais partir
Para a glória e para a fama
Recorda-te que na vida
Não podes ficar na cama.

Tal como eu!
Dizes e com razão
E' chegada a minha hora
Adeus meu querido «Pilão»!!

Parte sem dó e confiante
De rosto erguido ao mundo
Abraça-te comovido

72 — o Raimundo.

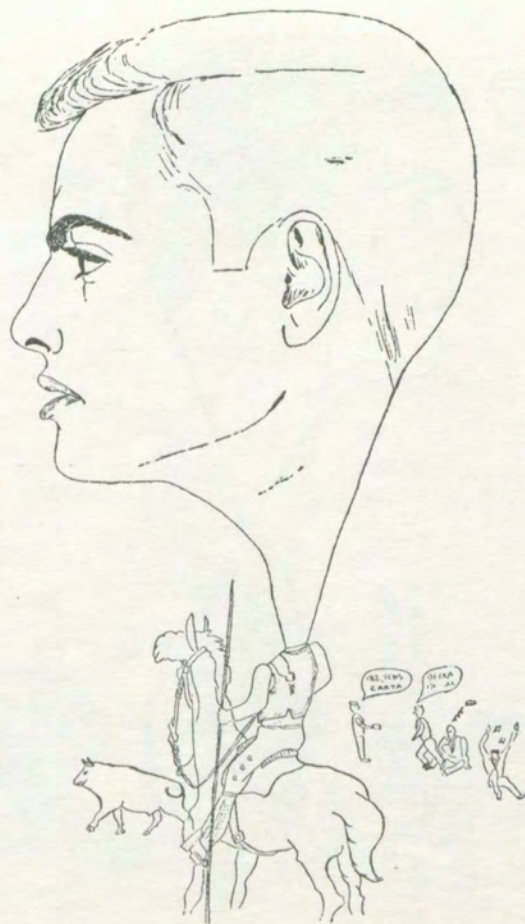
ARISTIDES COSTA E SILVA

Aluno n.º 182

Aristides Santo Antoninho
Finalista mas... anjinho
Nervoso e «enrascado»
Estudante de contabilidade
Prêgador de moralidade
Ei-lo! está apresentado.

No remo foi timoneiro
No futebol «sarrafeiro»
Bom corredor não o nego
Atleta de primeira
Atingiu grande craveira
Lá na classe do «prego».

Comandante da Segunda
Armava muita barafunda
Com venetas e empurrões
Muitas carícias «fazia»
E só se carta recebia
Lhe passavam as irritações.



Militarista apumado
Queria em linha a Companhia
Tudo limpo e asseado.
Ele próprio assim fazia
Pois nunca podia andar
Sem as «suíssas» aparar.

E agora que nos vais deixar
E te queremos abraçar
Esquece o que gente te fazia.
Mas... embora faças cá falta,
Em especial á malta
Da Segunda Companhia.

CARLOS MELÃO PESTANA

Aluno n.º 188

Lá dos lados do sertão
Daqueles montados extensos
Chegou um dia ao «Pilão»
O nosso amigo Melão.

Este alentejano de raça
Doido por equitação
Montou-se um dia num burro
E caiu logo ao chão.

Com o seu chapéu de aba larga
E esporas bem fincadas
Montado num burro preto
Anda longas caminhadas.

Por sempre ter empinado
As suas lições em vão
Toda a malta lhe chamava
O nosso amigo marrão.

Nas discórdias com os colegas
Que ele de vez em quando tinha
Nunca podia faltar
A sua amiga apostinha.



E já está desvendado
O mistério do Melão
Nas belas voltinhas que dava
Na rua do Carrião.

Na Monumental de Serpa
Um dia foi forçado
Mas só se chegava ao touro
Quando ele estava pegado.

Doido pela aeronáutica
O nosso amigo Melão
Está farto dos seus burros
Já não quer andar no chão.

Depois do curso tirar
Vais-te embora do «Pilão»
Felicidades e um abraço
Deste teu colega e irmão.

MANUEL LOPES DOMINGUES BRANCO

Aluno n.º 197

Escuro como o anoitecer
Mas com alegria sem par
Já todos devem saber
Que é do «Preto» que vamos falar.

Brincalhão e meio
Ao *Pilão* ele chegou
Não foi de África que veio!
Evora é que o exportou.

Atleta como ninguém
Ótimo no basquetebol
O atletismo é porém
A mancha negra do seu rol.

De correr um dia se lembrou
E para os 700 metros partiu
Mas quando a prova terminou
Quase que sucumbiu.



Já mecânico formado
O *Morris* quis experimentar
Por isso em ritmo acelerado
A' separação foi parar.

Não sei o que ele adora
Nem quem é a sua amada
Só sei que até chora
Por assistir a uma tourada.

Para o toureio tem veia
Uma escola destes frequentou
Correu o País à boleia
E assim um Verão se passou.

Aconselhamos-te à partida
Que a vida não é brincadeira
Abraçam-te à despedida
O *Pires* e o *Oliveira*.

AMILCAR AUGUSTO PIRES

Aluno n.º 209

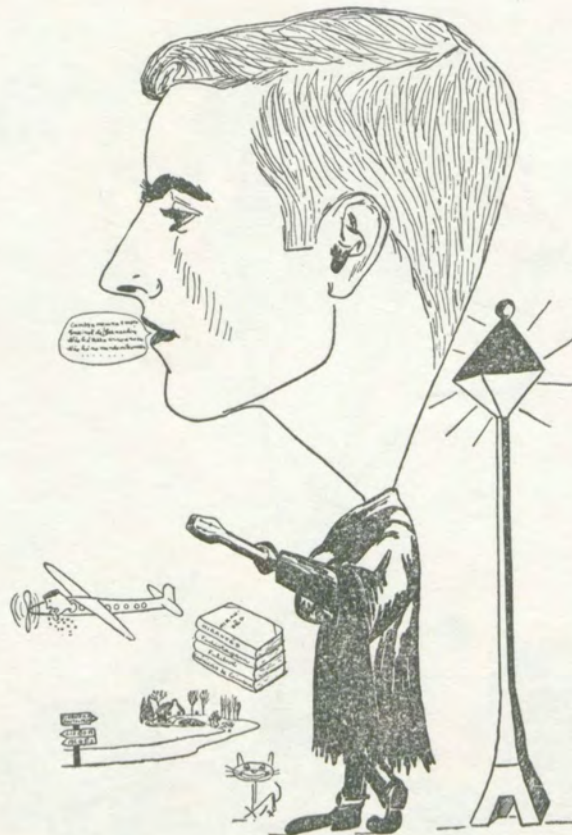
Com aspecto de cigano
E a penca um pouco exagerada
Quem será este fulano?
E a sua vida privada?

Em Miranda foi nascido
No *Pilão* foi educado
P'ra Algés foi transferido
E aqui civilizado.

Quando veio p'ró *Pilão*
Só falava Mirandês
Mas estudou com devoção
E aprendeu o Português.

Joga futebol e canta o fado
Com primor e talento
Na história figura ao lado
Dos maiores do nosso tempo.

Coimbra, tricanas, saudade.
Eis aqui todo o seu fado
Viva a velha Universidade
E o Hilário idolatrado.



Quando o Amilcar cantava
Alta noite na camarata
Toda a malta escutava
A sua bela serenata.

Com a sua tez morena
A fugir p'ró pretinho
Quando vê qualquer pequena
Fica logo pelo beicinho.

Seus olhos penetrantes
Em Algés fazem sucesso
E as meninas soluçantes
Perguntam: Sou eu que interesse?

Vencer o enjão, seu desejo maior
Sob o ponto de vista
De ser piloto aviador
Ou sapador pára-quedista.

Em três palavras eis aqui
Sete anos de mocidade
Do «Catota» para ti
Um abraço de saudade.

« Catota »

Orlando Manuel Cabaça Sequeira

Aluno n.º 210

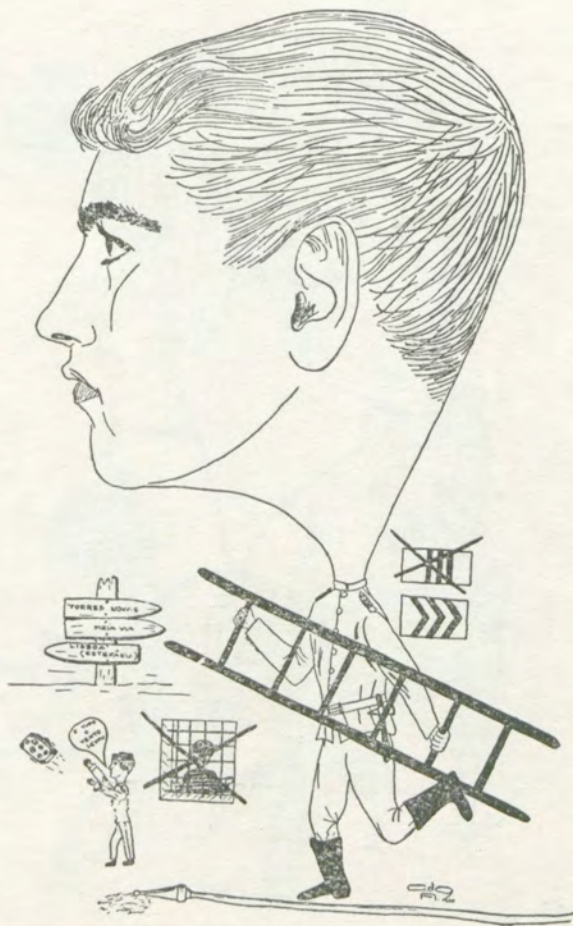
Torres Novas viu nascer
Este «Pilão» farrista
Que apesar de dois anos perder
Conseguiu ser finalista.

Ingressou neste Instituto
Para cursar o Contabilista
Mas sai furriel por não ser astuto
Ou, talvez, por ser comodista.

Em desportos, no seu rol
Figura o ténis de mesa
Que a par com o basquetebol
Pratica com rara beleza.

Tem um recorde pouco vulgar
Que toda a malta admirou
Num período, talvez por azar
Treze negativas apanhou.

Dos amores em si
Tenho a impressão
Que uma tal Faty
E' a sua grande paixão.



Não gosta de andar fardado
Por isso nas férias do Natal
Pensou trazer muito guardado
O seu fato p'rá capital.

Mas foi um caso sério
Pois sumiu-se a mala onde vinha
E p'ra desvendar o mistério
Só o «Patilhas» e o «Ventoinha».

Rapaz de bom coração
E muito bem comportado
Resta-lhe a consolação
De nunca ser castigado.

Despede-te do «Twist» na sala
E como a hora está a chegar
Trata de arranjar outra mala
E apresentar-te no Lumiar.

A saudade vai contigo
Tem calma e jogo rasteiro
Abraça-te o teu amigo
209 — Pires o «Brasileiro».

Luís Agostinho Marques Policarpo

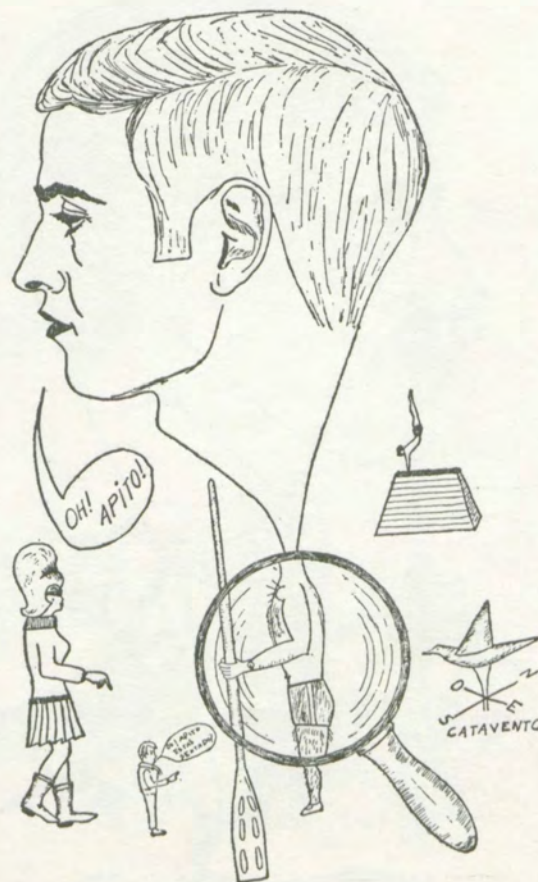
Aluno n.º 214

O finalista em cena
E' um rapaz do tipo
De estatura pequena
Com cabeça de apito.

Deixou o Algarve para vir
Dar entrada no «Piião»
Com o fim de seguir
As pisadas do irmão.

Estudando conseguiu
Uma medalha de aplicação
No entanto evoluiu
E optou por cabulão.

Das linguas ele dizia
Que entravam bem no seu caco
Contudo a Filosofia
Constitui o seu fraco.



Nos desportos também
Não passava de um falhado
Na ginástica porém
E' um autêntico tratado.

Ao serviço da classe
Que muito bem representou
Duas vezes tirou o passe
E a Bélgica visitou.

Nos amores é infeliz
Não sei qual a razão
Mas à malta alguém diz
Que em Algés faz sensação.

Mostra na vida o que és
E o passado não mires
Abraça-te o companheiro d'Algés
Amilcar Augusto Pires.

Manuel Fernando Macedo Ferreira

Aluno n.º 219

Este não requer apresentação,
Pois de todos é conhecido;
Em sete anos de «Pilão»,
Soube sempre ser amigo.

Seu ano já passou
P'la história do «Pilão».
E seu curso acabou,
Com honras de «Porta-Guião».

No âmbito da disciplina,
Saíste sem autorização;
Nessa altura foi uma *mina*,
De dias de separação.

E tudo o barbeiro rapou,
Com máquina zero em acção,
Pois nem um pelinho ficou,
Por onde passou a mão!

Um parêntesis vou abrir,
Pois fui eu quem o aturou;
Em germânicas quis subir,
Mas o prémio não ganhou.

E's um Rádionmontador,
Com toda a dedicação,
Não te esqueças: foste «Actor»,
Na tua vida de «Pilão».



Nos amores ficou assente,
E das paixões não tem dó,
Pois até presentemente,
E' fiel a uma só.

Mil venturas sejam contigo,
Que entres com o pé direito,
Espero que continues o amigo,
Que sinto dentro do peito.

E' bem triste esta hora
Em que tu nos vais deixar,
Eu sei que te vais embora,
Para outra vida começar,

Num passado bem recente,
Foste comigo passear
Por terras que não vou dizer.
Lá ficámos a conhecer,
..... não é Manecas?
Um abraço p'ra acabar
Do teu amigo *Tonecas*.

José Manuel Martins de Melo Cabral

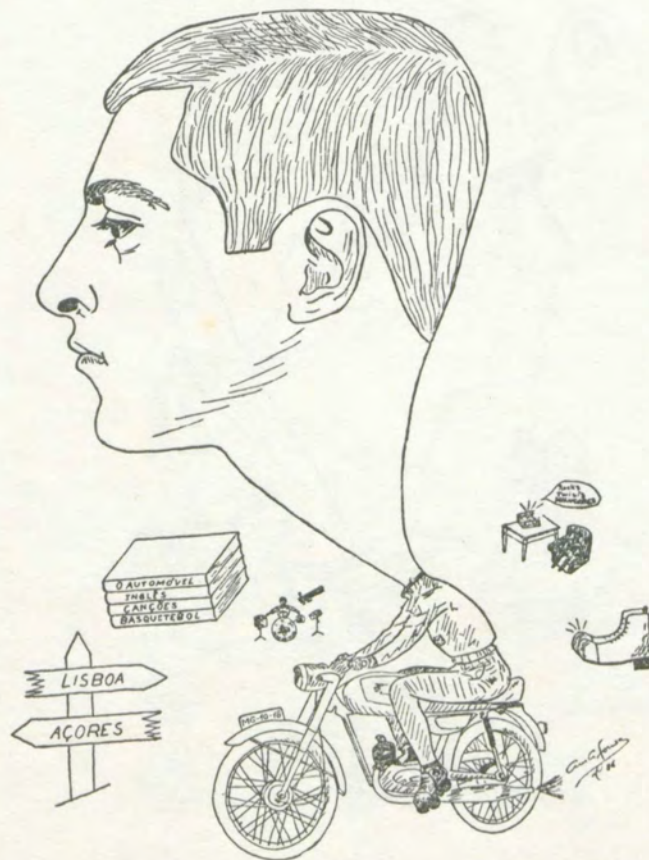
Aluno n.º 223

Com botas engraxadinhas
E o seu ar marcial
Quem não conhece o «Botinhas»
Ou antes o «Chefe Cabral».

Com ar de valentão
Este amigo açoriano
Só para entrar no «Pilão»
Atravessou o Oceano.

A atracção pelo volante
Levou-o à perdição
E o que é mais importante
Pô-lo na separação.

Como é bom português
E atleta de valor
Quer no hóquei ou no xadrez
Tem corôas de primor.



Com as suas botas cardadas
As miúdas faz fugir
De modo que em namoradas
Não há nada a discutir.

No entanto lá nos Açores
Quem sabe a vida dele?!
Não terá por lá amores?
Não sei. Perguntem-lhe... a ele!

Mecânico de rodas e lagartas
Em breve será encartado
Mas como as botas são pesadas
Não poderá guiar calçado.

Antes de sair do «Pilão»
Querias comprar uma *mota*
Como se desfez a ilusão
Os pêsames do *Catota*.

CELESTINO JORGE DA CRUZ GALEGO

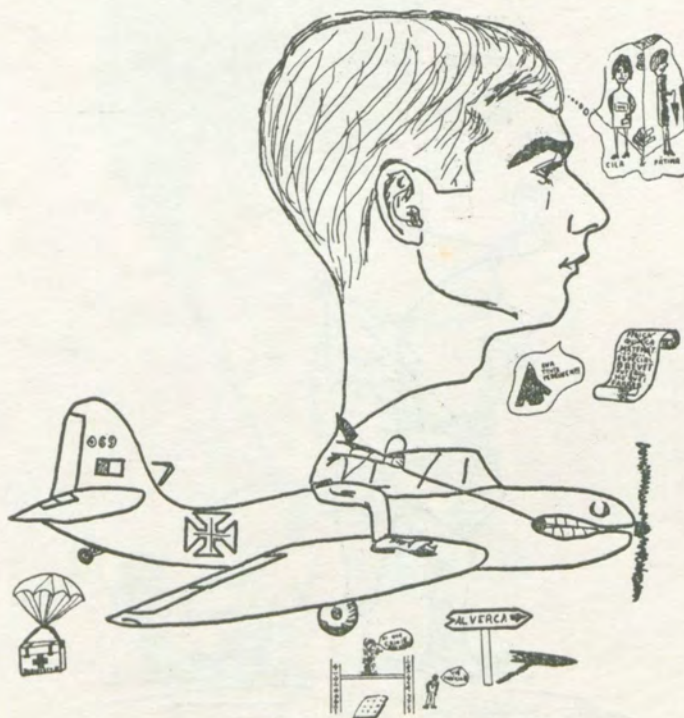
Aluno n.º 248

Por não haver um poeta
Que me queira criticar,
Vou numa rima incerta
A minha história contar.

Em nove anos a estudar,
Aprendi coisas sem igual
Aprendi que a chumbar
Ninguém chega a oficial.

Mas a minha grande paixão
Não era a de a oficial chegar.
Tinha outra intenção:
A de passar a vida a voar...

Como tal e com fervor
Dediquei-me à aviação
Quero ser aviador
E não d'Administração.



Por ironia do Destino
Numa prova tudo mudou,
E com um pouco de carinho
Um futuro se derrubou...

Que difícil é compreender
Como tudo aconteceu?!
Mas não podia deixar de ser,
O culpado tinha que ser eu...

E por isso malta amiga
Só de vós levo saudade
E' tradição tão antiga
Chorar de felicidade
Nesta hora de partida.

“Eu”

Amilcar Manuel de Lemos Peixoto Jorge

Aluno n.º 259

Do sertão africano veio,
Para o «Pilão» entrou,
Por sete anos e meio
Esta casa o aturou.

Alcunha de «Diabo», primeiro,
Em seguida a de «Caçador»
Vem no meio «Pasteleiro»
E a finalizar, «Actor»

As férias começaram
Para a Africa voltou
As caçadas o encantaram
E por um ano lá ficou.

Co' a espingarda na mão
Ou a fisga bem «aperrada»
Deita elefantes ao chão
A tiro ou à pedrada.



Selecto e aprumado
Nos bailes da *Mula* marcou
Os princípios de um reinado
Que pouco tempo durou.

Uma estrela conseguiu
Este vaidoso rapaz
Uns castigos adquiriu
Pois de tudo foi capaz.

Agora que vais partir
Segue sempre em linha recta
Que sejas ditoso no porvir
São os votos do *Poeta*.

Manuel Augusto Correia Baptista

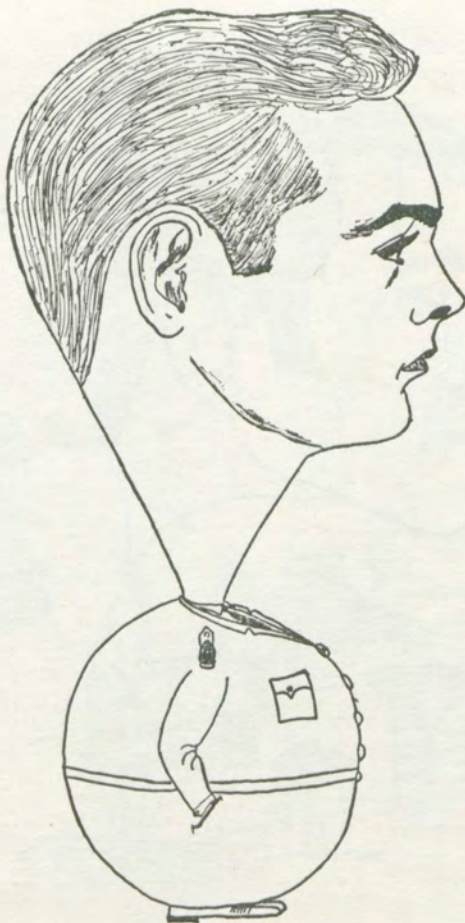
Aluno n.º 262

Chegou a ocasião
E deste «Pilão» vou falar
E como recordação
Para a vida que levar.

Tivera muitas alcunhas
Este *taco* finalista
Quase impossível descrevê-las
Pois necessitava de lista.

Bolinhas por ser gordinho
Redondo por não ser quadrado
No conjunto era cèguinho
Por o *acordéon* ter tocado.

Um conjunto quis formar
Este *Strauss* falhado
E acabou por se tornar
Num tocador reformado.



Mas por aqui não ficou
Sua carreira afamada
De tudo ele tocou
Sem de música saber nada.

Máquinas era o seu sonho
Que não chegou a realizar
Mas o fim não foi tristonho
P'lo 5.º ano tirar.

Agora que terminou
Sua primeira mocidade
De toda a malta levou
Muitos votos de felicidade.

Termino por abraçar
Mais este finalista
Felicidades vou desejar
Ao grande amigo Baptista.

Joaquim da Conceição Martins Azevedo Mendes

Aluno n.º 263

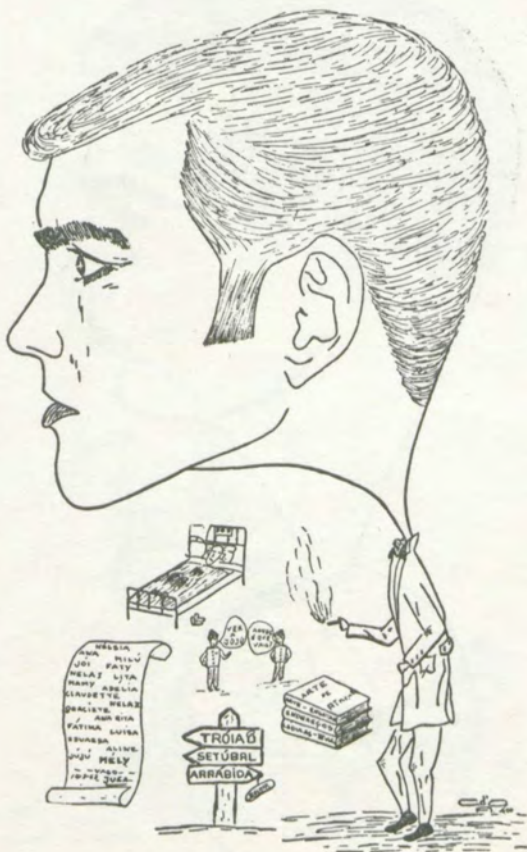
Este, já sabem quem é!
E que em Setubal nasceu!
Trazido pela maré
No «Pilão» se dissolveu.

E com ar rufião
Tem uma grande história
Deu entrada no «Pilão»
A gritar *Viva o Vitórrrrria!*

No segundo ano começou
Conquistando logo amizades
E sua pele se salvou
Devido às sociedades.

Nos estudos tu marcaste
Apesar de nada saber
Nem o muito que cabulaste
Te livrou dum ano perder.

Andebol ele praticou
Sem conseguir um rival
Ao futebol se dedicou
Jogando a defesa central.



Passava as férias na *rambóia*
Tomando banhos de mar
Tendo a praia de Tróia
Como seu segundo lar.

Conquistador igual não vi
Trata o amor por tu
Deixou de falar com a «Mély»
E entregou-se à Jújú.

Bastante se esforçava
Para a horas se levantar
A malta da mesa cravava
Para a «bucha» lhe levar.

Deixas amigos saudosos
Recorda-os quando partires
Recebe abraços afectuosos
Do Oliveira e do Pires.

209 - Pires e 400 - Oliveira

JOÃO SAUL BARROSO LETRAS

Aluno n.º 276

De botinhas pretas
Sombrero para os olhos
E com músculos de aço
Aí têm o Letras
De camisa aos folhos
Célebre pilotoação.

Também de Camões
Esperança nacional
Faz poemas a oito
Mas sinceramente
Eu cá fico à espera
Do primeiro de geito.

Cabeça enfiada
No rádio da sala
Diz-nos que só há
Um grande cantor.
Não é o Caruso, mas
Luís Alberto del Paraná.



Levanta o queixo, segue em frente!
Abre os olhos e vê a vida
Mais vale esperança perdida
Que te arvores de gente.

Mas se vires francamente
A recordação saída
Da juventude querida
Não fiques de todo descontente.

Segue a rota, nós cá estamos
Seguros, ficamos no posto
Não há perigo que temamos.

Estende o braço, cobre o rosto
Que, mesmo que não te ouçamos
Te ajudaremos com gosto.

JORGE DE CARVALHO ALVES

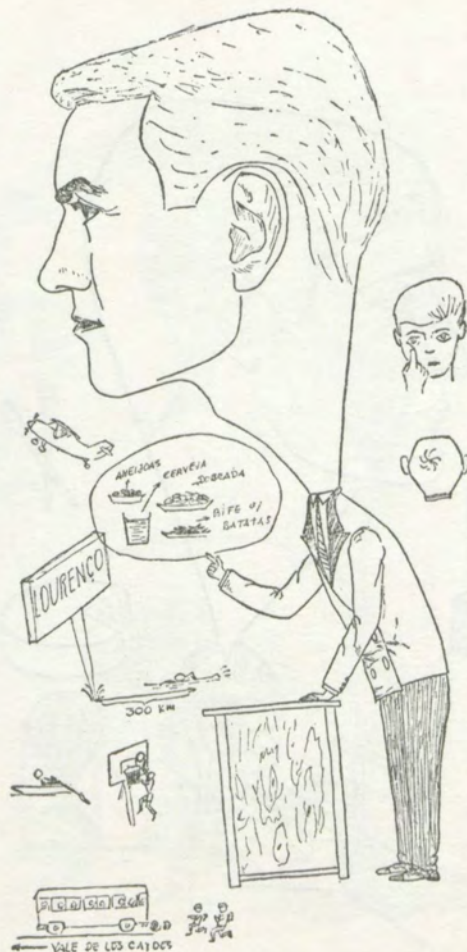
Aluno n.º 278

Vindo dos lados de Tomar
Chegou um dia ao «Pilão»
Para o seu curso tirar
Com grande aplicação.

Anjinho, no princípio,
De *orelhudo* alcunhado,
Da ginástica apanhou o vício,
Mas é tarde, coitado!...

Um dia pôs-se a chorar
Mas que grande aflição
A Fátima quis ir passear,
Mas foi excluído na votação.

Das miúdas é *Romeu*,
Conquistador afamado,
Mas um dia no Ateneu
Que grande «cachola», coitado...



Co'a Africa sempre sonhou
Umás férias lá foi passar
O paludismo o atacou
E não pôde regressar.

Tendo orelhas de *abanico*
Penava a bom penar,
Mas pensou: assim não fico,
Com adesivo as vou colar!

De partir chegou a hora,
O momento derradeiro,
Felicidades p'la vida fora
Te desejam o Poeta e o Pasteleiro.

259 — Jorge
287 — Ribeiro

Herberto Hirundino Soares e Silva

Aluno n.º 279

Entre todos os finalistas
Que abandonam o «Pilão»,
Há um que dá nas vistas
Por pretender ser *Calmeirão*.

Seu corpo tão franzido,
Por miúdo o faz passar,
Mas seu tipo destemido,
Tornou-o mui popular.

Seu tamanho não limitou
Toda a sua vivacidade,
Pois ao desporto se dedicou
Desde a sua tenra idade.

Da Especial ao Futebol
Passando pelo Corta-Mato,
Só vitórias tem no rol
Apesar de ser tão *Taco*.

Pela malta admirado
Pois popular sempre foi,
Por todos, ele é estimado
E alcunhado de «Boi».



Nunca deu que falar
Por em farras se ter metido,
Sempre foi exemplar,
Não tendo um só castigo.

Teve uma doente paixão
Por uma *girl* que namorou
E ela por doce compaixão
Os erros das cartas emendou.

E em nome de toda a malta
Só te desejo felicidades.
Um dia, deles sentirás a falta
Quando chegarem as saudades.

E agora *Boi* amigo,
Chegou a hora da despedida
Não me despeço pois vou contigo.
Vamos enfrentar nova vida!

ANTERO GARCIA RIBEIRO

Aluno n.º 287

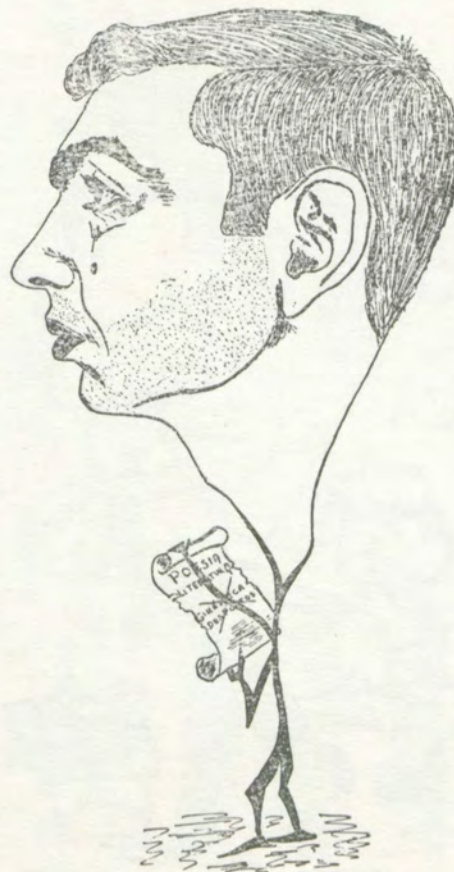
Afinal é chegada agora
A vez de falar de mim,
Creio que só vou dizer,
Felizmente, chegou o fim!...

Sete anos, longa existência,
Nesta acolhedora casa,
Minha pobre mocidade,
D'incidentes tenho rasa!...

Apesar de parecer
Um grande revolucionário,
Não passo afinal de contas,
D'um modesto estagiário.

De nome chamado Antero,
De cognome «Parreco»,
Na dança fui imbatível,
Sobretudo em «Teleco-Teco».

No hoquei fui esperança,
Com muita maturidade;
Só foi pena não jogar,
Por não ter ainda idade.



A fazer poesia, sou
Campeão d'entre os campeões,
Pena não ter só um olho,
Para ser outro Camões!

Pouco há para dizer
Nesta matéria de amor;
Apenas figura um nome
No rol de conquistador...

Agora que vou partir,
De todos vós me despeço;
Qu'engrandecem o Instituto,
E' tudo quanto lhes peço!

E' dolorosa a partida,
Para quem sempre cá viveu!
Adeus meu «Pilão», adeus...
Sou e serei sempre teu!

O Próprio

JOÃO MANUEL DUARTE GOMES

Aluno n.º 302

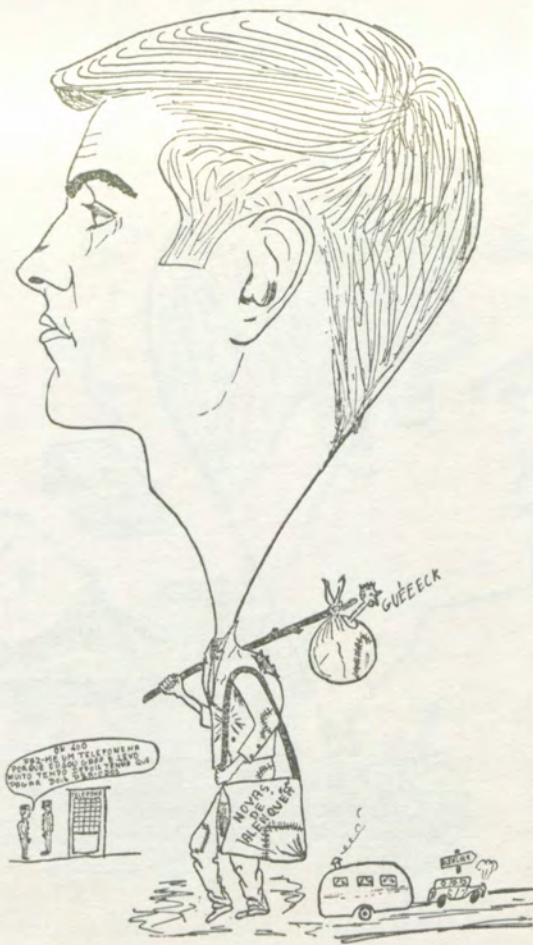
Apresentamos com prazar
Em ritmo telecoteço
Vindo de Alenquer
O nosso amigo *marreco*.

Quando p'ró «Pilão» entrou
Com aspecto «afaecado»
Toda a malta concordou
Que fosse domesticado.

Em tempos que já lá vão
Quando alguém lhe perguntava:
— Que número tens no «Pilão»?
Tre...tre...tre... ele gaguejava.

Só andar de eléctrico sabia
O nosso amigo *Maneca*
E os apertos preferia
Para endireitar a marreca.

A Classe Especial tentou
Não conseguindo um lugar ao Sol
Mas o «Pilão» representou
No basquete e no futebol.



Nunca se apaixonou
Por não ter jeito p'rá paixão
Ao Sporting entregou
Sua alma e coração.

Cabeleireiro queres ser
Com a aviação em vista
Nós gostávamos de te ver
Fardado de pára-quedista.

Faz a vontade à malta
Assim que deixares o «Pilão»
Porque bóina não te falta
E pára-quedas também não.

Na hora da despedida
Felicidades p'rá vida inteira
Desejam-te à partida
O *Pires* e o *Oliveira*.

Luís Manuel da Silva Exposto

Aluno n.º 315

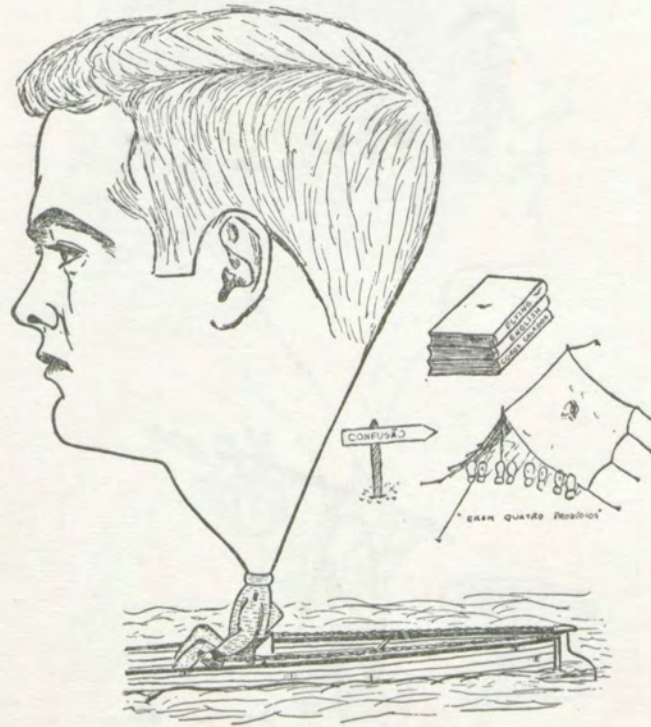
Exposto está na selecção
Este finalista mui popular
Que sem rival cá no «Pilão»
Foi mestre a recitar.

Sempre foi bom estudante
Sendo em linguas o primeiro
Em inglês era brilhante
Que até dizia *Bufarinheiro*.

Na Especial foi um valente
Como poucos o podem ser,
Não passou de suplente
Rebolar caixotes era seu dever.

Ao remo ele dedicou
A garganta e muito gosto
Pelo físico não puxou
Por timoneiro ser o seu posto.

Das *lecas* foi encarregado
E sentindo-se com vocação
Nunca se viu separado
Da *Caixa da Confusão*.



A vida é uma arena
Este prodigio dizia
Numa aula de fisica amena
Com bastante filosofia.

Sua voz a recitar
Entre muitas das mais belas
Não passou sem se notar
Lá p'rós lados de Odivelas

Agora vou terminar
Pedindo ao amigo Exposto
Para comigo concordar
E não ficar mal disposto.

Esta arte de criticar
Não é arte não é nada;
Pois apenas é relemburar
Uma vida já passada.

E' a hora de partires.
Sem mais, um grande abraço!
Adeus! Felicidades!
Deseja-te o amigo *Gato*.

ORLANDO ROLO ESTEVES MOURÃO

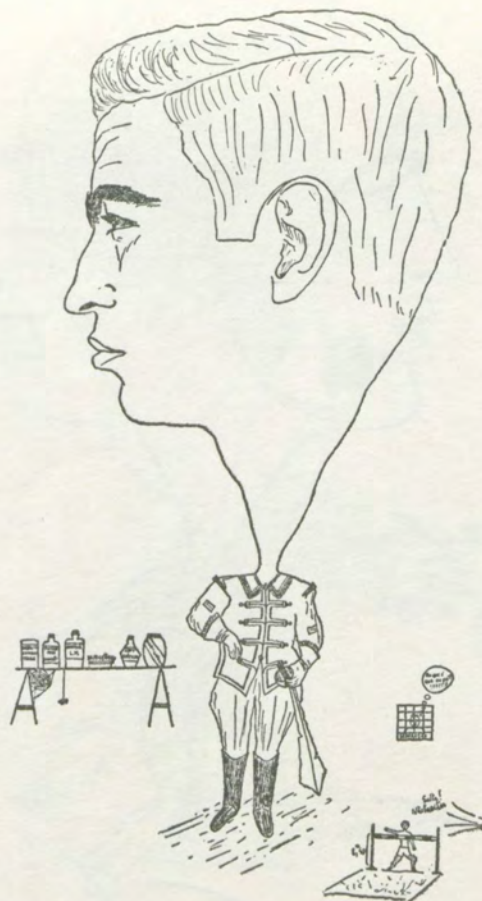
Aluno n.º 337

Ingressou no «Pilão»
Este jovem sem igual
Pois apesar de chorão
Conseguiu chegar ao final.

Tinha medo de injeções
E ninguém lhe podia tocar
Até para as comichões
Só ele se queria coçar.

No *Twist* tem azar
Este Marquês fanfarrão
Mas a qualquer pode ensinar
O que aprendeu no «Pilão».

Certo dia, um castigo sofreu
O nosso amigo pupilo
Na tosquia cabelo perdeu
Ficando com careca bacilo.



O desporto sempre amou
Em corridas se manteve
No futebol se evidenciou
Mas a *off-side* sempre esteve.

De ti quero-me despedir
Com saudade no coração
Lembra-te que vais partir
Duma bela recordação.

A vida não é brincadeira
Tem coragem para vencer
Abraça-te o amigo Ferreira
Com o nosso *Querer é Poder*.

JOSÉ ANTÓNIO FLORES MIGUEL

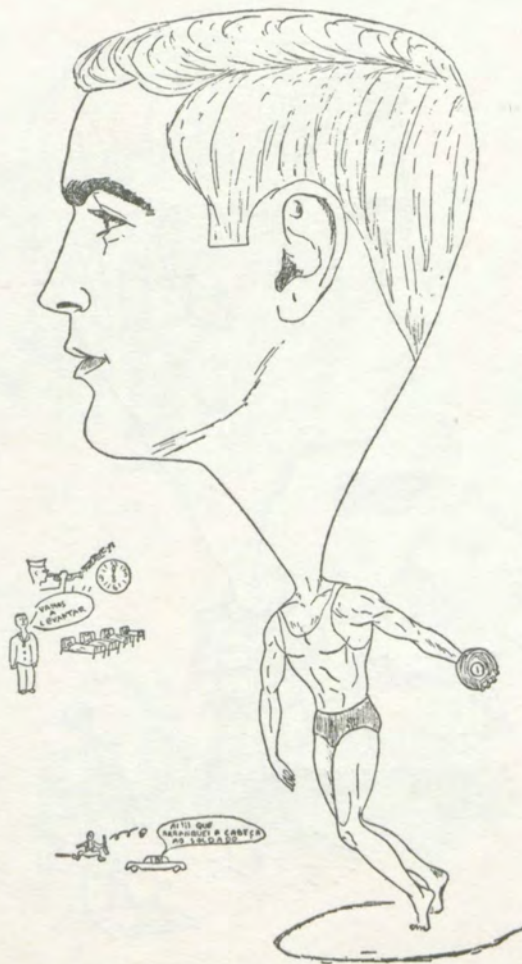
Aluno n.º 342

Dos Açores se desterrou
E aqui se fixou
Este nosso açoriano
Aqui cresceu e brincou
Foi castigado e estudou
E está no último ano.

O seu curso terminou
As estrelas reformou
Este nosso camarada
Os livros arrecadou
Sempre vermelho ficou
Não se lhe pode dizer nada.

Não esconde o seu nervoso
O vermelho também não
Tem cor de glorioso
Este nosso *Vermelhão*.

Tens de ir trocar de botas
Cortar o cabelo e pôr um botão
Que tal vão as tuas notas?
São frases do *Vermelhão*.



Eram seis horas em ponto
Quando tocava a alvorada
Ele dava a voz de levantar
Com uma ameaça de pancada.

Tem o seu curso acabado
E com grande distinção
Dos Açores é oriundo
Este *Bilas vermelhão*.

Cá dentro deste «Pilão»
Não sei qual a razão
Muito se evidenciou
Remo e futebol praticou
E na terceira mandou.

E agora para pôr termo
A toda esta brincadeira
Aqui te deixo um «Perdão»
Em nome de toda a Terceira.

Afonso José da Rosa Guerra

Aluno n.º 347

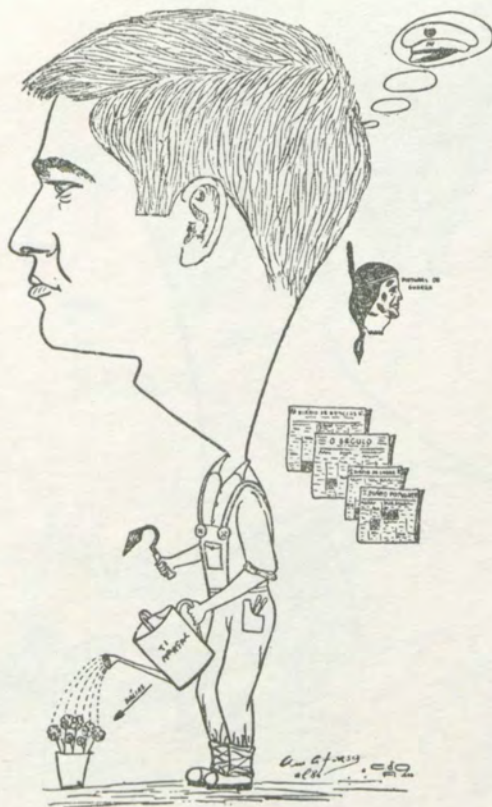
Afonso da Rosa Guerra
Um rapaz sempre em acção
Que deixou a sua terra
Para entrar no *Pilão*.

Chegou, viu e venceu
Pois é estudante aplicado
O curso é já seu
Ficando bem classificado.

E' m grande patriota
Justiça; é o seu ideal
E conhecido por *Catota*
Por *Jardineiro* ou *Marçal*.

Com espirito contrariador
E umas ideias avançadas
Defende os fracos com ardor
E nos fortes manda «tacadas».

Nasceu para a discussão
Suas frases são formais
Ele tem sempre razão
Pois é ele quem lê os jornais.



Em desporto é assim... assim...
Jàmais se sobressaiu
Mas agora por fim
No basquete se introduziu.

Nenhuma garota na capital
Lhe despertou a atenção
Mas parece que no Alandroal
Entre as «matrecas» faz sensação.

Imenso o fazem sofrer
As borbulhas que tem na cara
E para as fazer desaparecer
Com tintura se mascara.

Se não perder tempo
E continuar a estudar
Veremos mais um sargento
Na Academia ingressar

Na hora da despedida
A saudade abala-te talvez
Felicidades para a vida
São os votos do *Mirandês*.

Manuel Américo Raposo Soares

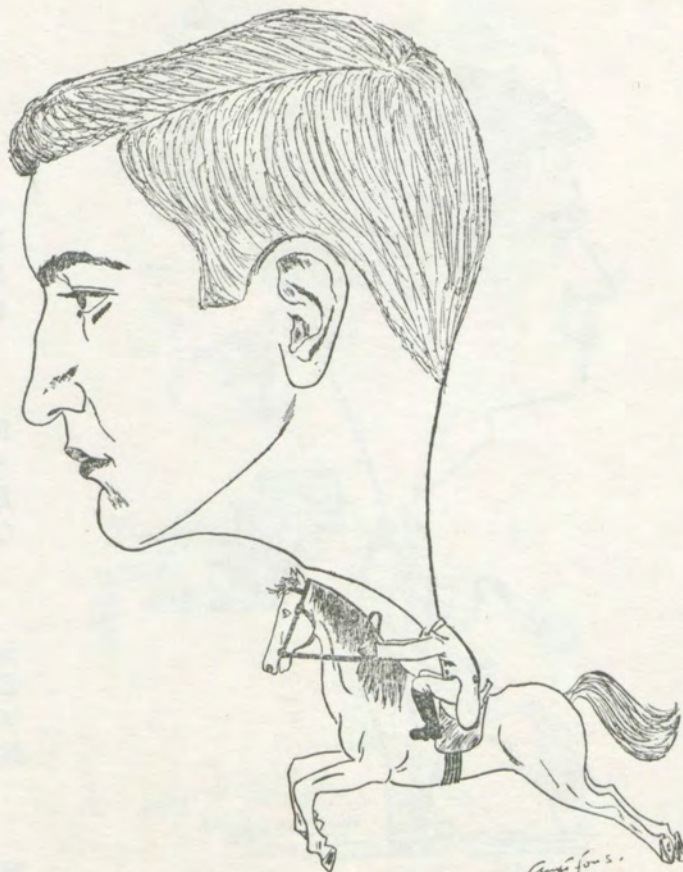
Aluno n.º 358

Em tempos que já lá vão
Vindo de Vilar Formoso
Apresentou-se no «Pilão»
O nosso amigo Raposo.

Para beber café, ao serão
Na primeira se foi esconder
Livrou-se da Separação
Mas os colchões teve de coser.

Desportista sem igual
O hipismo tentou
Mas foi no futebol
Que ele se evidenciou.

Alguns tempos atrás
Por alguém se apaixonou
Não sei o que lhe fez
O certo é que ela o deixou.



Depois dum ano chumbar
O seu curso terminou
E agora, põe-se a pensar
O muito que cabulou.

E' chegada finalmente
A hora da partida
Que tudo te seja sorridente,
E' o que te desejo, na vida.

Para finalizar, só te digo,
Nesta hora predilecta:
Recebe um abraço do amigo
A quem chamas «Poeta».

JOSÉ MANUEL MOLEIRO HOMEM

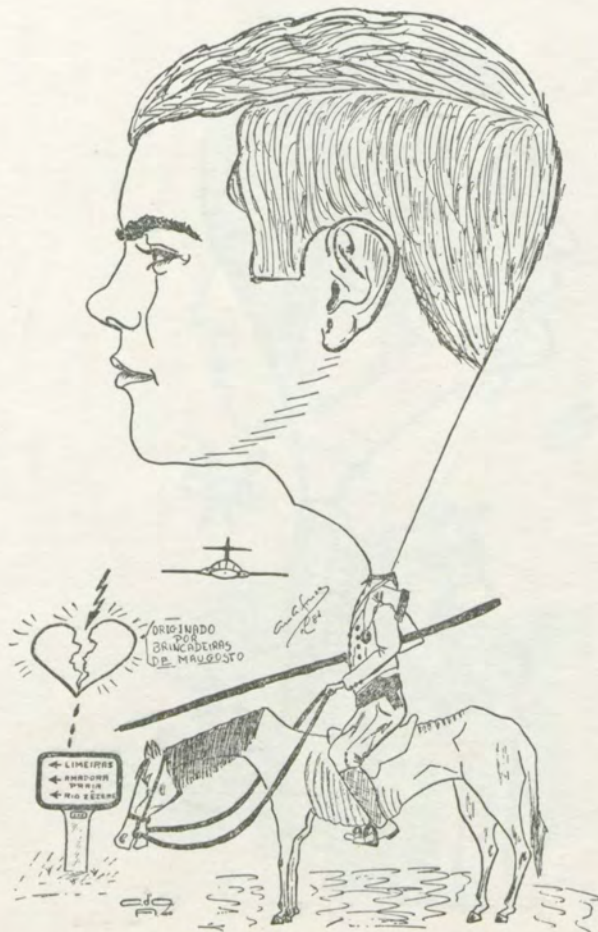
Aluno n.º 398

Passo a passo cá chegou
E o seu curso não findou
Pelo excesso de idade,
Agora que vai sair
E se Deus lhe permitir
Ingresa numa *Unidade*.

A todos nós «Pilões»
Deixa mil recordações
Este nosso Estagiário,
Que era para o Batalhão
Deste seu querido «Pilão»
Um autêntico Calendário.

Muitas das suas façanhas
Bastantes, me são estranhas
E doutras não disse ainda.
Toda a sua solidão
Cá dentro deste «Pilão»
Foi devida a uma *Minda*.

Os seus sonhos e ilusões
Só tratam de aviões
No futuro que prevê,
E coisa muito interessante
Do nosso amigo *Rapante*
Que quer tirar o «brevet»



Nunca foi bom em desporto
Talvez por não ter gosto
Ou condições para tal,
Mas nem por isso desistia
E com uma forte mania
De querer ser da *especial*.

Debaixo da passadeira
A título de brincadeira
Um galão de Aspirante,
Não passa dum Furriel
Com divisas de papel
O nosso amigo *Rapante*.

Agora que vai partir
E então deixá-lo ir
Pois já não vai muito cedo,
Por essas terras além
Lembra-te sempre também
Do teu amigo Azevedo.

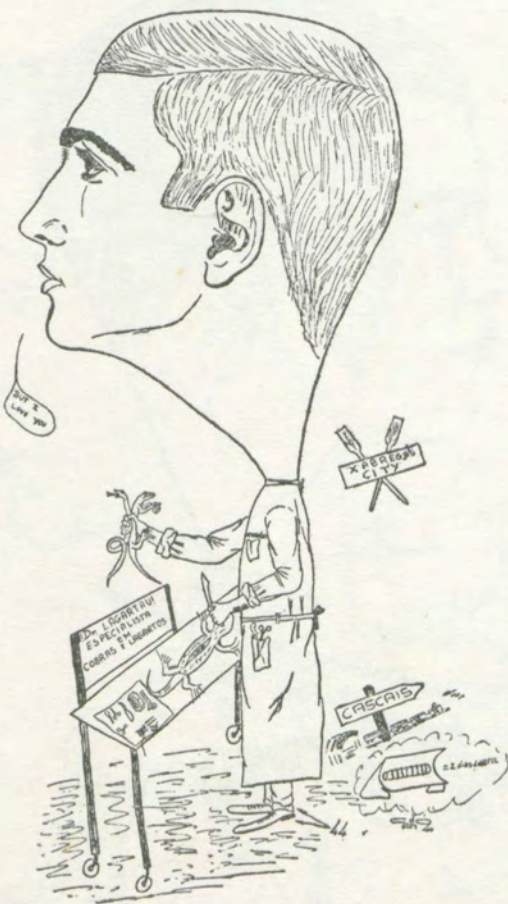
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA

Aluno n.º 400

Altivo e sorridente
Eis aqui muito elegante
Com o seu quê de atraente
Este pequeno gigante.

Teve uma aurora obscura
E passou uma vida dura
Em tempos que já lá vão
Mas agora é um velhote
Deixou de ser mascote
Da velhada do «Pirão».

Indomável, incorrigível,
Era um maçador terrível
Este grande comilão
E' remador diplomado
Em ginástica um falhado
E exímio refilão.



Com poucas amizades
E muitas dificuldades
No «Pirão», ele triunfou
Dos superiores pouco amado
Por muitos não tolerado
Porque também os massacrou.

Teve uma conversa amena
Com uma linda pequena
Por quem se apaixonou
Mas ele é muito atrevido
Por isso foi tempo perdido
Pois ela logo o deixou.

Agora que deixas o «Pirão»
A chorar (salvo seja)
Amor saúde e pão
E' o que o *Catota* te deseja.

FERNANDO MOITEIRO ABRIL

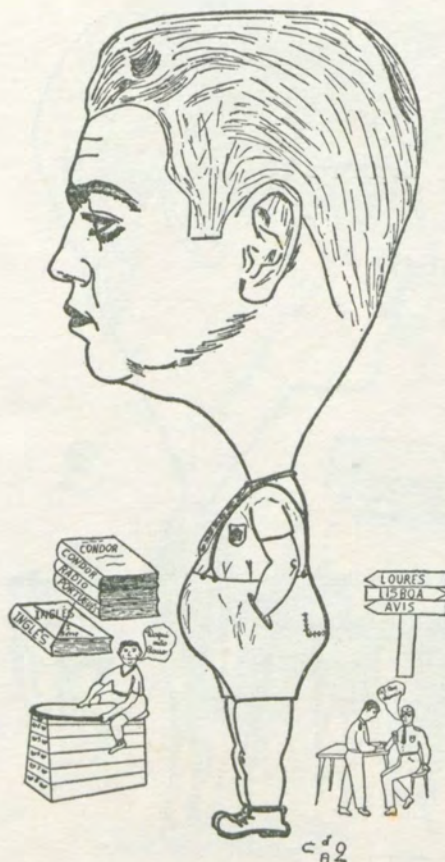
Aluno n.º 404

Pequenino e dilatado
Eis o *Abril* refilão
Que se tem «arredondado»
Com as sopas do *Pilão*.

Na ginástica se distinguiu
E foi digno de boa nota
O máximo que conseguiu
Foi dar uma cambalhota.

Quando para a forma tocou
Não levou o blusão
Grande trepa apanhou:
Hora e meia de separação.

E' amigo do saber
Da leitura apaixonado
O *Ciclone* passava a ler
Quando o *Condor* estava esgotado.



Um dia foi apanhado
Na retrete a cozinhar
E um colchão que estava rasgado
Foi obrigado a pagar.

Quando à «Luz» se deslocou
Ao público deu que falar
Pois num arame tropeçou
E na lama se foi estampar.

E a crítica vou terminar
Sem ter poupado um segredo
E um abraço podes aceitar
Do grande amigo *Galego*.

Arménio Paulo de Almeida Mendes Janeira

Aluno n.º 407

Eis aqui o Sr. Janeira
Um rapaz muito pacato
Foi estudante de primeira
E é do tempo do *Chanato*.

No exame de admissão
Foi alvo das atenções
Pois respondia ao júri
Sempre a setenta e oito rotações.

Suas faces são vermelhas
Como a equipa do Benfica
Mas se lhe «puxam as orelhas»
Nem sei de que cor fica.

Por ter este dom especial
De o «gomes» estar a ver
No seu estado normal
Por *Zé Tomate* se ficou a conhecer.

E' aluno atarefado
E dá sempre nas vistas
Pois se está atrapalhado
Puxa logo das «listas».



Apesar de em ginástica
Não ser mais do que um «nulo»
«Comeu» por na cama elástica
Ter dado apenas um pulo.

Em desportos também foi fraco
Pois em nada brilhou
Talvez por ser um pouco «taco»
Mas a sorte também não o ajudou.

Com a sua voz bem timbrada
Ou não fosse do canto coral
Dizia às vezes a sua piada
E ouvia o *hino* no final.

Nos amores apagado
Excepto lá para o Fundão
Onde, diz-se ter sofrido
De uma grande paixão.

Fizeste adeus à Lourinhã,
Fá-lo agora ao «Pilão»
Segue e sorte no amanhã
Te desejo de antemão.

JOSÉ NOBRE PINTO SANCHO

Aluno n.º 412

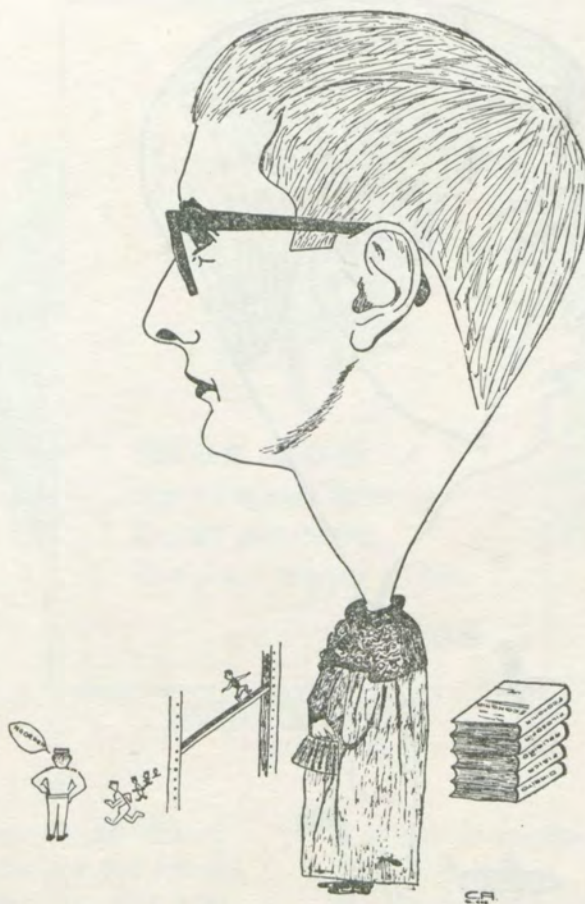
De *Légos* cá veio ter
Aquele de quem vamos falar
Cedo começou a ler
O Direito queria «empinar».

A princípio brincalhão
De *gritos* vê-lo *picar*
Ao Sancho se estende a mão
O «Suplicio» vai começar.

Três, quatro anos passaram
Ia dar-se algo sensacional
O Sancho pelo que nos contaram
Sofrera conversão radical.

Chefe máximo do «Pilão»
Todo cheio de dourados
Comandante do Batalhão
Este juiz de Lagos.

Batalhão: Firme! Sentido!
Diz o Sancho irritado
Daqui a pouco sou duro
P'ra quem não estiver calado.



Calai-vos *maralhal*
Diz o nosso Comandante
Olhai que por ser cardeal
Não impede que me zangue.

Ao remo e ao atletismo pertenceu
Mas sempre foi um falhado
Por último Andebol praticou
Com o mesmo resultado.

Com a lei no pensamento
E sempre a mandar formar
Batia palmas à malta
E os três minutos a passar.

Foi muito perseguido
Quando aos prodígios pertenceu,
Mas tudo foi findo
Com a saída do *Matateu*.

Agora que te vais embora
Com o teu célebre «Canudinho»,
Esperamos não te zangues
Com os amigos *Flávio* e *Pinho*.

António Joaquim Nobre Pinto

Aluno n.º 429

Nascido à beira mar
Numa noite de verão
Resolveu vir-se criar
Entre os muros do «Pilão».

O corpo pouco crescido
Dá-lhe aspecto de miúdo
Com o nariz tão comprido
Que até lhe chamam *Pencudo*.

Como chefe era adorado
Pois nunca soube ser mau
Por todos era chamado
O bondoso «Pica-Pau».

E como sempre foi «Picanso»
Picava a coisa mais dura
E por obra dum falhanço
Ficou sem a dentadura.

E quando se deitava
Os dentes em água metia
Mas se a sede o atacava
Dessa água ele bebia.



Não consegue escrever
Sem a língua de fora deitar
Para melhor absorver
O que está a imaginar.

Conquistador de pouca fama
Creio que não teve nenhuma paixão
Pois passa os fins de semana
A jogar bilhar na Associação.

Ao desporto se dedicou
Como desportista nato
Ele nada praticou
A não ser o «corta-mato».

Acabaste o curso, chegou o dia
Deixas a malta e vais partir
Cremos que com a tua sabedoria
A vida te pode sorrir.

E como pouco deu que falar
Aqui termina a narrativa
Um abraço lhe vamos dar
E felicidades na nova vida.

JORGE VICTOR LINDNER COSTA

Aluno n.º 256

De Lagoa p'ra cá veio
E a chorar por cá ficou,
E com nove anos no meio
O seu curso terminou.

De *Fakir* era alcunhado
Por aparos mastigar,
Por *Bruxa* era tratado
Mas por *Jack* o mais vulgar.

Saudável mas magriço
Tinha físico de gazela,
Seus dedos eram chouriços
Das frieiras e mordidelas.

Ao desporto se dedicou
Com vontade e muito brio,
Mas num podre se tornou
Pois estava sempre com frio.

Dava pena ver encolhido
Um ginasta tão afamado,
Na especial se tem exibido
E se tornou mui viajado.

Mas o estudar no «Pilão»
Nunca lhe deu que pensar,
Pois não houve uma lição
Que passasse por cabular.

? ! . . .



Sua linda caricatura
Não pode aqui figurar,
Era tão complicada
Que ainda está por acabar.

GALEGO

Não falando mais do rapaz
E de suas grandes façanhas
Pois em tudo se tornou *ás*
Graças a mil artimanhas.

Fugindo à brincadeira,
E enfrentando a realidade
Descrevo à minha maneira
A nossa grande amizade.

A nossa grande amizade
Em nove anos se criou.
Verdadeira FRATERNIDADE
Que o tempo não derrubou.

Foi um amigo leal !!!
Bem o posso afirmar.
Nunca terei outro igual
Na vida que vou começar.

E agora para terminar,
Com a dor no coração,
Despeço-me, a abraçar,
Um amigo, quase irmão.

Partir !...

Hora bela

Por nós todos desejada,

E' a sorrir

E a pensar nela

Que nós vamos de abalada.

Estudar ? ! . .

Nosso curso terminou,

Mas para singrar

Nossa fé não se esgotou.

Para a frente marcharemos

Na defesa duma razão,

Pela Pátria morreremos

Em memória do «Pilão».

Vamo-nos embora,

Nova vida está á vista,

Acabou a mocidade !!!

E' nesta hora

Que o coração dum finalista

É um mar só de SAUDADE.

Adeus «Pilão» !!!

Adeus amigos «pilões» !

Obrigado, muito obrigado,

Pela grande recordação

Que vai nos nossos corações

E pelo curso ter terminado

Adeus «Pilão» !!!

Foste tu que nos ensinaste

Como se deve vencer,

Levamos pois no coração

O lema que nele gravaste

De que QUERER É PODER.

O Adeus

na

Despedida

Jorge Galego

